

Luiz Roberto Paiva de Faria

**Em Tempo de Globalização: a Representação Social de Emprego,
Trabalho e Profissão em Adolescentes**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em psicologia, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.
Área de concentração: Psicologia Escolar - Centro de Ciências da Vida - PUCCamp.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Souza Lobo Guzzo

PUCAMP - 2003


**Em Tempo de Globalização: A Representação Social de Emprego,
Trabalho e Profissão em Adolescentes**

Comissão Examinadora

Campinas, 26 de fevereiro de 2003



Prof.a. Dr.a. Raquel Souza Lobo Guzzo
Orientadora



Prof.a. Dr.a. Clarilza Prado de Sousa



Prof. Dr. Geraldo Fiamenghi Junior

Dedicatória.

À Márcia, porque meus dias também são dedicados à ela

Agradecimentos

A esse povo, que de luta em luta espera ver um país melhor, meus agradecimentos mais especiais, posto que este trabalho não seria possível sem que eu tivesse uma bolsa, e, mesmo que não a tivesse, ainda assim não seria possível, posto que o meu trabalho está em função das pessoas e de uma transformação social.

Ao CNPq, pelo apoio técnico e pela concessão da bolsa de pesquisa.

Às Dr.^{as} Prof.^{as} Ana Maria Aragão Sadalla e Raquel Souza Lobo Guzzo pela forma respeitosa e gentil que conduziram a minha entrevista de seleção.

Novamente, à Dr.^a Prof.^a Raquel Souza Lobo Guzzo, por ter me orientado neste trabalho, sem me tolhir e apenas me conduzir a caminhos melhores; por ter me dado lições de vida ao se mostrar justa, resignada nos propósitos e projetos de vida; por criticar quando foi necessário, e elogiar quando foi justo, sempre de maneira equilibrada; por estabelecer sempre um compromisso com a verdade das relações; por ter sido uma amiga, antes de tudo. Quero que saiba, Raquel, que serás sempre uma inspiração e um modelo de conduta pessoal e profissional. Eis a lição que me ensinaste.

Aos funcionários da Faculdade de Psicologia, por sua presteza e atenção conosco.

Aos diretores e coordenadores pedagógicos das duas escolas que me acolheram, cedendo o espaço físico, e os alunos para as entrevistas.

Aos alunos das escolas citadas acima, pela riqueza de informações e presteza ao se voluntariarem neste trabalho.

Aos meus amigos, Psicólogos Nilton César Barbosa e Deborah Rosária Barbosa por terem insistido em que eu fizesse esse programa de pós-graduação, e terem dado apoio logístico inicial.

À minha tia Maria Teresa, por várias vezes ter me dado uma “mãozinha”.

À Psicóloga Prof.^a Márcia Teresa Alcantara Del-Campo, minha esposa, por todo apoio que tem me dado.

À minha mãe e irmão por também apoiar tudo que me proponho a fazer.

Aos meus colegas, em especial Marilane, Márcio, Carol, Letícia, Ana, Vilma, Eliezer, e Sérgio, pelas conversas de corredor, e por outros motivos. A convivência foi ótima.

Sumário

LISTA DE QUADROS	V
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	VI
RESUMO	VII
ABSTRACT	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
APRESENTAÇÃO	1
JUSTIFICATIVA	3
1.INTRODUÇÃO	7
1.1. EMPREGO, TRABALHO E PROFISSÃO: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS.....	8
1.2. GLOBALIZAÇÃO E SUJEITO.....	16
1.3. INDIVÍDUO E SUJEITO : A IMPLICAÇÕES DE UM SOBRE O OUTRO.....	25
1.4. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	28
1.5. OBJETIVOS.....	37
3. MÉTODO	39
Sujeitos	39
Material.....	40
Procedimento de coleta de dados.....	41
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	44
4.1. PREPARAÇÃO DO MATERIAL DE ANÁLISE.	44
4.2. A DESCRIÇÃO DO GRÁFICO.	48
4.2.1. O GRUPO DA ESCOLA PARTICULAR.....	48
4.2.2. O GRUPO DA ESCOLA PÚBLICA	57
5. DISCUSSÃO	64
6.CONCLUSÃO E ENCAMINHAMENTOS	69
7. REFERÊNCIAS	71
ANEXOS	78

Listas de Quadros.

Quadro I. Características Socio-Econômicas do Grupo da Escola Particular	39
Quadro II. Características Sócio-Econômicas do Grupo da Escola Pública.....	40
Quadro III. Descrição das técnicas de orientação vocacional.... ..	42
Quadro IV. Comparativo dos Discursos Alusivos às Categorias de Análise - Escola Particular	46
Quadro V. Comparativo dos Discursos Alusivos às Categorias de Análise - Escola Pública.....	47

Lista de Ilustrações.

Figura 1. Modelo teórico da RS de emprego, trabalho e profissão	33
Gráfico 1. Seqüência dos discursos dos Informantes da escola particular	49
Gráfico 2. Seqüência dos discursos dos informantes da escola pública	58

FARIA, L. R. P., (2003), *Em Tempo de Globalização: A Representação Social de Emprego, Trabalho e Profissão*. Dissertação de Mestrado, Puc-Campinas, VI + 87p.

Resumo

Este trabalho dedicou-se a explorar as representações sociais de Emprego, Trabalho e Profissão que estudantes do ensino médio tinham das categorias citadas. Utilizando-se um programa de orientação vocacional em abordagem qualitativa, um conjunto de seis entrevistas foi realizado, a fim de verificar quais eram os discursos referentes ao tema. A amostra foi composta de 20 sujeitos, sendo 10 de escola pública e 10 de escola particular, sendo as sessões todas em grupo, no intervalo de uma hora e meia cada. A idade média dos informantes foi de 15,18 anos para o grupo da escola particular e de 17,10 anos para o grupo da escola pública, respectivamente. O nível sócio-econômico foi estimado em classe média alta, para o grupo da escola particular e classe média baixa a baixa para o grupo da escola pública. Depois de realizadas as entrevistas, foi feita uma análise do conteúdo discursivo originando um gráfico, sobre o qual se baseou a interpretação dos resultados. Os resultados sugerem que os adolescentes referenciam as categorias segundo o status que estas ocupam dentro da nossa cultura. Isso faz com que ignorem um pouco as condições objetivas do mercado de trabalho, e façam a sua escolha preferencialmente a partir de critérios subjetivo tais como satisfação com a atividade ou sucesso na carreira.

Palavras-chave: Representações Sociais; Trabalho; Emprego; Profissão; Orientação Profissional

Palavras-chave: Representações Sociais; Trabalho; Emprego; Profissão; Orientação Profissional.

FARIA, L.R.P., (2003), *Em Tempo de Globalização: A Representação Social de Emprego, Trabalho e Profissão* (Time of Globalization: Social Representation of Labor, Job and Profession in Adolescent). Dissertação de mestrado, PUCCampinas, VIII + 87p.

This work was dedicated to explore high school pupils' social representation of labor, job and profession. A program of vocational orientation in qualitative approach was used and six interviews were made, in order to verify which speeches referred to the theme. 20 students, 10 from a public school and 10 from a private school composed the sample, 15,18 years old in media and 17,10 years old. The social-economic level was estimated as high middle class for the private school group and low middle class to low class, for the public school group. All the sessions were developed in group, one and a half each one. The interviews, were analysed according to content analysis, generating a chart which expressed the results. The representation about labor, job and profession showed no differences in the two groups and were associated to ideological values implied in those categories. The results suggest that adolescent refer to the categories according to the status they have inside the culture. In this sense, they disregard objective conditions of the job market, and make their choices based on subjective criteria like satisfaction with the activity or success in their career.

Key-Words: Social Representation; Job; Labor; Profession; Professional Orientation.

Apresentação

Neste trabalho, discuto o conceito de Representações Sociais a partir de três categorias de análise: o trabalho, o emprego e a profissão. Para tanto, tomei dois grupos de sujeitos em situação diferente, quais sejam, grupo de estudantes da escola pública e da particular, ambos envolvidos com questões de identidade profissional com diferentes níveis de impacto em suas vidas. Ao mesmo tempo, esse mesmo impacto é permeado por um contexto sócio-histórico que aqui identificamos por globalização.

A fim de tornar a análise mais abrangente possível, vários aspectos atinentes tanto ao pleno desenvolvimento do conceito de Representações Sociais, como aos elementos categoriais aqui considerados, optamos por considerar os aspectos mais globais - referenciando elementos sócio-históricos que estão implicados nos comportamentos, nas crenças e na construção da subjetividade humana - para, em seguida, considerar os aspectos mais elementares da subjetividade, conforme se segue.

No primeiro tópico, é importante apresentar quais as interpretações que os diversos autores dão ao conceito de trabalho, emprego, e profissão.

No segundo tópico, as transformações sociais produzidas pela globalização no âmbito das categorias aqui enfocadas são descritas, tomando como referência os estudos que tentam abordar o fato sob o ponto de vista sociológico.

No terceiro tópico, a interface entre o público e o privado é analisada a fim de identificar os mecanismos de construção da subjetividade por meio da interação social.

Como seguimento lógico, o texto apresenta no tópico seguinte, os pressupostos básicos da Representação Social, e indica qual o caminho que desejamos seguir.

Uma síntese final será exposta considerando aspectos da vida ocupacional utilizando a Representação Social como recurso mediato entre o público e o privado, entre a subjetividade e as condições materiais e socialmente determinadas, entre o sujeito e o seu meio.

Posteriormente, apresentamos a metodologia utilizada e o plano de análise dos resultados, seguidos da discussão, da conclusão e dos encaminhamentos.

Justificativa

Um trabalho de pós-graduação, tal como este que se apresenta, surge de um caminho natural do pesquisador em sua carreira, e suas preocupações tanto sociais como científicas. Assim, muito mais do que as minhas necessidades prementes de atualização e titulação, as questões ligadas ao exercício da orientação profissional e os pressupostos científicos que o embasam justificam a elaboração da pesquisa. Isto porque a prática do orientador profissional fornece a seu público elementos que determinarão a sua construção de identidade profissional.

Geralmente a escolha profissional acompanha o curso do ensino médio, mais frequentemente o final do ensino médio. Ao período, o jovem define o curso universitário que deseja seguir. Escolhas também ocorrem durante o curso de graduação (tanto nas áreas de formação, como de uma graduação para outra, justificando a evasão de alguns cursos), ou mesmo após o encerramento da graduação, com a especificação das preferências profissionais e a preparação para a entrada no mercado de trabalho.

Atualmente, os conceitos sobre “*trabalho*”, “*emprego*” e “*profissão*” têm se tornado fonte de interesse de estudiosos de diferentes áreas de conhecimento, tais como a medicina, a administração, pedagogia, psicologia, dentre outras, principalmente com a diversificação do campo profissional a partir da globalização, do desenvolvimento dos sistemas de comunicação e também pela informatização cada vez mais constante na sociedade moderna. Isso fez com que emergissem profissões, campos de trabalho e postos de emprego antes não existentes. Desta forma, os indivíduos que passam pelo processo de escolha profissional têm

necessitado de uma melhor orientação para a definição da profissão, elemento importante na constituição da sua identidade ocupacional.

A partir desta necessidade, um aporte científico igualmente pede atualização. E o conceito de Representações Sociais subsidia esta tarefa fundamentada na premissa de que as escolhas do indivíduo são baseadas em crenças.

Heider (1970) em seus estudos sobre percepção e objeto busca demonstrar que o modo que um sujeito percebe determinado objeto, bem como a relação produzida com as outras pessoas, e seus objetos respectivos, implicam num comportamento específico a partir do julgamento resultante de tais percepções. Essa é a premissa básica em que se sustentam as principais teorias psicossociais clássicas com orientação cognitivista preponderante, e cujo objeto são os comportamentos conseqüentes e/ou potenciais de uma percepção.

Não fosse o fato de que os objetos aqui escolhidos para estudo são uma construção social e não individual, a dissertação ora exposta se inscreveria entre as que procuram investigar o processo interno pelo qual um sujeito percebe um objeto, pessoa e o comportamento disso resultante (percepção de pessoa). Contudo, a teoria de representações sociais aqui contempla um aspecto relevante dentro do contexto a ser investigado já que o conhecimento compartilhado sobre um dado objeto de natureza social, conduz a uma compreensão de como os indivíduos socialmente constituídos lidam com as demandas que estão para além dos domínios individuais.

Conforme afirma Sá (1998, p.68) as representações sociais referem-se a "*...uma modalidade de saber gerada através da comunicação na vida*

cotidiana, com a finalidade prática de orientar os comportamentos em situações sociais concretas".

Ainda com relação a conceituação das representações sociais, Martins (1997) argumenta que *"as representações sociais podem ser entendidas como formas de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, que servem como orientação para os comportamentos da vida diária"* (p. 40).

Rosado & Andrade (1998) argumentam que as representações sociais se constituem em um modo de conhecimento que permite ao indivíduo dar sentido e *"... interpretar-se a si mesmo e ao mundo que o rodeia, como também modular suas ações neste mundo"*(p.6).

Neste sentido, o trabalho de pesquisa aqui pretendido tem como objetivo contribuir no campo científico para uma discussão sobre a identidade ocupacional dos referidos sujeitos, no que tange à investigação da representação social destes acerca dos conceitos *"trabalho"*, *"emprego"* e *"profissão"* de forma a contribuir para a inferir em sugestões e propostas para programas de orientação profissional. Além disso, o estudo aqui proposto encontra sua justificativa no âmbito científico na intenção de colaborar para o aprofundamento da discussão dos aspectos teóricos e metodológicos da teoria das representações sociais, campo recente de investigação científica no Brasil.

Dentro desta perspectiva, uma investigação com este enfoque ganha relevância nos diversos campos de atuação psicológica. À medida em que o conceito instrumentaliza a prática, uma aproximação pode ser empreendida entre as representações sociais das categorias aqui propostas (*trabalho, emprego e profissão*) e as ressonâncias destas na orientação profissional, inserindo-se no campo da saúde mental na escola (lugar privilegiado da

orientação vocacional), e nas áreas correlatas onde a dinâmica da identidade ocupacional seja elemento fundamental de práticas e saberes. Uma prospecção no campo das representações sociais das categorias propostas atualiza, ainda que modestamente, o conhecimento sobre as mesmas considerando o contexto sócio-econômico atual, revelado pelas exigências impostas aos sujeitos em sua prática profissional e identidade ocupacional pela globalização. Também a partir da identificação da representação dos sujeitos sobre as temáticas sugeridas, pode-se produzir sugestões e proposições para programas de orientação profissional no ensino médio e cursos universitários com intuito de prevenção de insatisfações neste âmbito, contribuindo para saúde mental do futuro profissional.

1.Introdução.

Vários elementos se conjugam para compor o mosaico de idéias que apresentamos, pois vários planos de análise o interpõem ao se falar nas representações sociais, especialmente quanto ao tipo de categorias que propomos aqui. Neste sentido, cabe um esclarecimento inicial.

Como duas faces de uma mesma folha de papel, aspectos sociais e individuais se revelam ao se falar em Representações Sociais. E sempre que um pesquisador do campo psicológico incursa na análise sociológica é acusado de estar pesquisando aspectos que não são de sua alçada. Essa é uma questão polêmica, que não queremos resolver aqui, já que inclui uma discussão acerca do objeto de pesquisa psicológico. Classicamente, no entanto, se fala que o objeto da Psicologia Social são os comportamentos *particulares* dos indivíduos em *interação* abordando estes dois modos de manifestação de comportamento – o individual e o social.

Farr (1998) distingue entre psicólogos mais psicológicos e os mais sociológicos, fazendo referência aos teóricos que enfatizam os aspectos individuais e os sociais respectivamente. Nos primeiros, os teóricos cognitivistas merecem destaque, enquanto que a teoria de Representações Sociais seria uma psicologia mais sociológica.

Por isso, esse alerta. Aqui os objetos considerados são de natureza psicológica, mas são impactados pela realidade social, da qual não podemos nos esquivar à tarefa de análise.

Conforme relatado na apresentação, o texto que segue obedece uma linha de raciocínio que parte do global para o individual, do geral para o particular, do social para o individual. Essa foi mais uma opção didática e formal do que uma exigência do tema.

1.1. Emprego, trabalho e profissão: aproximações teóricas

Basta uma breve incursão na literatura disponível, para se constatar duas evidências. A primeira é de que o significado dado ao conceito de trabalho é diverso, e relativo ao meio cultural em que ele circula. Isto faz com que, por exemplo, ele seja tratado como sinônimo de emprego e profissão, ou que tenha um status científico maior do que as outras duas categorias. A segunda constatação é a de que o conceito de trabalho é numericamente mais explorado do que emprego e profissão. O conceito de emprego, no entanto, é mais explorado do que profissão, por ser considerado, ou como a aplicação do trabalho na execução de atividade fabril, comercial ou agrícola, ou como a própria atividade, seja ela qual for – ou seja, trabalho e emprego é a mesma coisa. Assim, a preocupação com a escassez desta atividade, do trabalho, conduz os pesquisadores a explicarem e descreverem as conseqüências do desemprego – a falta de trabalho.

Tittoni (1994) descreve o conceito de trabalho sobre várias perspectivas:

- a) a mitológica, segundo o qual o trabalho era considerado um castigo ou como um ato de bravura como, respectivamente, no caso do Mito de Sísifo e na lenda dos doze trabalhos de hércules.
- b) a lexicográfica, onde a diversidade de sentidos adquire diferentes matizes, o trabalho implica numa relação do homem com a natureza nas diversas situações cotidianas
- c) a marxista, onde através do conceito de trabalho alienado, este adquire função vital que coloca ao mesmo a transformação da natureza e do próprio ser humano enquanto ser genérico. Esta idéia de atividade vital

é a base para a formulação do trabalho alienado, posto que este é a separação da força de trabalho do produto do trabalho pelo capitalista.

- d) a freudiana, segundo o qual o trabalho representa um meio de relação do indivíduo com a natureza, de forma a constituir-se através de um processo de busca de prazer e evitação do sofrimento

Analisadas todas essas perspectivas, a autora toma como definição de trabalho “...uma possibilidade de inscrição nas relações sociais e como meio através do qual o trabalhador sente-se útil e produzindo coisas, considerando-se também as limitações e características do processo de trabalho.” (Tittoni, 1994, p. 25).

A revisão conceitual oferecida por Estramiana (2001) considera o emprego como uma concretização do trabalho. A partir deste pressuposto, analisa o trabalho, como emprego, nos seguintes aspectos:

a) trabalho e suas influências econômicas – o trabalho é o meio principal pelo qual a pessoa se relaciona com a sociedade e contribui, mediante a provisão de bens e serviços, à manutenção da mesma. Segundo o autor, que revisa vários trabalhos (Little, 1976; Jackson y Warr, 1984; Johada, 1933/72; entre outros) que mostram como a perda do emprego/trabalho pode afetar psicologicamente o indivíduo. Considerando a função social do trabalho, não ter uma ocupação é sinônimo de exclusão social, e de sentimentos de impotência, nulidade, e desmerecimento.

b) trabalho e suas repercussões na identidade – o conhecimento do trabalho, ou do significado deste para o grupo social insere o indivíduo numa dinâmica social, à medida em que este vai desenvolvendo sua capacidade física e intelectual.

- c) trabalho e a atividade humana – pressupondo como inata a tendência humana à atividade, estabelecendo assim uma relação casual entre tempo de inatividade e conseqüências psicológicas para o eu.
- d) trabalho e a orientação do tempo – incluindo neste tópico os aspectos integradores do tempo oferecidos pelo trabalho
- e) trabalho e as relações interpessoais, evidenciando as conseqüências do desemprego na vida familiar e social do ser humano.
- f) as funções psicossociais do trabalho, ressaltando que o salário não é a única função do emprego, assumindo outras funções estruturados do indivíduo e da sociedade.

Ruiz (1999) resgata a origem da palavra trabalho do latim *tripalium*, instrumento originalmente usado na agricultura para bater o linho e o trigo, e posteriormente usado para torturar. O autor afirma que o sentido evoluiu a partir do século XV do castigo ao esforço, ou seja “*o homem trabalha quando coloca em ação suas forças físicas e espirituais tendo um objetivo relevante a ser alcançado; trabalho tem como resultado um produto concreto ou mudança de estado ou situação*”(Ruiz, 1999, pg.42).

O autor cita ainda a crítica de Friedmann (apud Friedmann & Naville, 1973) a qualquer definição de trabalho que não leve em conta o gesto produtor/transformador do homem através do trabalho, e afirma que ninguém descreveu melhor o trabalho do que Marx, que ofereceu uma definição de trabalho em que o homem, por meio deste, produz transcendência histórica, produz relações e fatos sociais, que determinam a natureza e o conteúdo do trabalho. E com base na crítica feita por

Friedmann (1973, citado por Ruiz, 1999), e no conceito marxista de trabalho, Ruiz (1999) oferece-nos a seguinte definição:

“Conjunto de ações humanas determinadas por um fim prático, realizado com a ajuda do cérebro, das mãos, de instrumentos ou máquinas. Pode atuar no nível da transformação direta da matéria, e/ou oferecer suporte econômico/social/simbólico aos agentes e setores sociais que realizam esta transformação. Ambas as formas implicarão em eventos em que o homem exercerá ações diretas ou indiretas sobre a natureza e/ou outros homens, sendo por sua vez transformado por estas mesmas ações” (Ruiz, 1999, p. 46).

Para os autores selecionados nesta revisão conceitual que tratam do assunto, o conceito de emprego é derivado do conceito de trabalho (Pochmann, 1999; Moura, 1998; Bridges, 1999; Minarelli, 1999; Souza, 1981; Singer, 1998). Emprego deriva de uma forma específica de relação social produzida pelo sistema capitalista, através de uma divisão social do trabalho que foi se operando no transcorrer da formação do estado burguês. Pochmann (1999) destaca que a divisão internacional do trabalho passou por três fases: a primeira, junto com a primeira revolução industrial quando as grandes corporações e ofícios foram deixando lugar para as fábricas, delimitando assim, a divisão entre trabalho intelectual e manual, e entre trabalho fabril e agrícola. Esta fase foi caracterizada pela dominância econômica da Inglaterra sobre os outros países. A segunda fase descrita pelo autor é caracterizada pela perda da posição hegemônica da Inglaterra,

sendo substituído pelos Estados Unidos da América, pela consolidação do estado capitalista, e pelo avanço tecnológico que decorreu. Assim...:

“...uma segunda divisão internacional do trabalho foi sendo maturada pela constituição de um bloco de países semi-periféricos que teve o apoio de uma ordem econômica mais favorável à difusão geográfica do padrão de industrialização norte-americano” (p.23).

A terceira divisão internacional descrita por Pochmann (1999) implica numa internacionalização e concentração do capital em grandes blocos econômicos, dominância dos capitais transnacionais, avanço tecnológico acelerado, predomínio do setor financeiro sobre o produtivo.

Dentro desta perspectiva econômica supracitada, Singer (1998) esclarece o conceito. Emprego implica em assalariamento, ou seja alguém presta um serviço (força de trabalho) afim de reverter em pagamento pelo serviço prestado. Mas não é só isso:

“O emprego resulta de um contrato pelo qual o empregador compra a força de trabalho ou a capacidade de produzir do empregado (Singer, 1998, p. 13)”

Portanto, o desemprego é o desinteresse ou dificuldade do capitalista em comprar a força de trabalho do trabalhador. E dentro da realidade econômica citada por Pochmann (1999) o que se nota é que cada vez mais se prescinde do trabalho humano, posto que não é mais o trabalho comprado pelo capitalista, transformado em lucro e alienado do trabalhador que produz capital, mas o juro, e a especulação financeira, onde o trabalho

perde cada vez mais o sentido, visto que as máquinas tendem a fazê-lo de modo mais efetivo.

Souza é explícito na sua definição de emprego:

“O emprego global de um país consiste no conjunto de pessoas que percebem rendimentos por seu trabalho e os “trabalhadores familiares não remunerados”, desde que ocupados na produção de bens e serviços passíveis de serem transacionados no mercado” (Souza, 1981)

Se a noção de emprego decorre do trabalho como produto a ser vendido para o capitalista, o conceito de profissão é tratado como o tipo de trabalho que o trabalhador quer para vender ao capitalista.

Nos estudos empreendidos sobre a orientação profissional, o conceito de profissão é tratado aprioristicamente, ou seja, não existe definição conceitual do que seja a profissão, mas apenas uma descrição das repercussões desta na vida das pessoas. Usada de forma indistinta, profissão pode ser uma ocupação, um ofício, ou qualquer atividade remunerada. Assim, os estudos na área procuram depurar quais as características do indivíduo que se ajustam às demandas de trabalho disponível, e que atendam às necessidades do indivíduo em questão. De qualquer forma, o que nos parece notório é que enquanto o conceito de trabalho e de emprego pertence a categorias sociais, posto que decorrem de relações sociais de produção, o conceito de profissão pertence a categorias mais psicológicas, haja visto que a profissão implica numa identificação do trabalhador sobre tal e qual atividade deseja ou pode exercer. Conforme

salienta Bohoslavski (1985), a escolha da profissão pressupõe uma identidade vocacional:

“Uma pessoa tem identidade ocupacional, ou melhor, adquiriu sua identidade ocupacional, quando integrou suas diferentes identificações e sabe o que quer fazer, de que modo e em que contexto. Portanto, a identidade ocupacional incluirá um quando, um à maneira de quem, um com que, um como e um onde.

Ao contrário, a identidade vocacional é resposta ao para que e ao por que da assunção a essa identidade ocupacional¹”(p.73)

Carvalho (1995) fez uma breve revisão ao conceito de orientação profissional, sem no entanto fazer qualquer menção ao conceito de profissão. Segundo a autora, os primeiros trabalhos europeus descreviam a orientação profissional como parte do trabalho de seleção de pessoal, na avaliação e qualificação da mão-de-obra. Conforme sua revisão conceitual, Claparède foi o primeiro a distinguir a orientação profissional da seleção de pessoal, como o complexo de conceitos diretivos e de métodos que servem para indicar a cada indivíduo as atribuições de trabalho para a qual ele possui as necessárias inclinações e capacidade e no exercício da qual tem possibilidade de conseguir alcançar resultados melhores com vantagem sua e da sociedade. De modo geral, a orientação profissional alia as necessidades e aptidões do indivíduo às oportunidades e condições de oferta de trabalho do mercado. Neste sentido, o termo vocacional e profissional se confundem e são tomados um pelo outro.

¹ Os grifos são do autor.

Rosas (1977) assinala a repercussão do termo profissão na literatura. Segundo este autor, não há concordância quanto ao uso do termo. No mundo do trabalho, a profissão é uma atividade que o indivíduo ocupa, com uma função social qualquer. Tanto profissão, quanto trabalho, podem ser identificados como ocupação:

“O exercício de uma ocupação supõe geralmente uma contrapartida pecuniária ou uma vantagem social que, se bem não se possa reduzir a termos monetários, representa uma forma simbólica de remuneração. Simbólica, mas nem por isso menos concreta. É o que acontece, por exemplo, com a dona-de-casa e grande parte dos religiosos”(p.87-8)

Assim, uma ocupação pode ter uma finalidade social, sem contudo ter remuneração. A ocupação remunerada corresponde ao emprego ou colocação. Ainda, segundo este autor, as ocupações, remuneradas ou não, podem ser profissionais ou não-profissionais. O que distingue uma de outra é um certo controle sobre a situação do trabalho, a regulamentação das relações entre colegas e com os clientes, um código de ética, formação disciplinada por lei, além da proteção legal dos que regularmente a exercem. Rosas (1977) cita Greenwood, para aclarar esta questão, que apresenta como itens atribuídos à profissão:

a) um corpo sistemático de teoria – implicando numa formação continua acerca do trabalho a ser realizado, geralmente em instituições especializadas para este fim.

b) autoridade profissional – implicando numa postura diferente diante do trabalho a ser realizado. Ao profissional cabe um papel mais consultivo, enquanto uma ocupação não-profissional é mais operacional.

c) sanção da comunidade – a comunidade, por meio das leis e seus legisladores, cria as prerrogativas do exercício profissional, concedendo certos poderes e regulando sua atuação.

d) código de ética – Os profissionais têm um código de ética que norteia a conduta durante o exercício profissional.

e) cultura profissional – a prática, por implicar num corpo específico de conhecimento, produz uma linguagem própria, uma rede de profissionais, associações e instituições de divulgação do conhecimento produzido, e dos valores, normas e símbolos próprios da profissão.

Por fim, temos a definição utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para trabalho e emprego. O instituto não descreve o conceito de profissão, sendo este abrangido por ocupação. O conceito de trabalho é entendido como uma ocupação econômica remunerada em dinheiro, produto ou outras formas não monetárias ou a ocupação econômica sem remuneração. Por sua vez, o emprego é aquela ocupação, efetivamente remunerada por dinheiro e benefícios, que é registrada em Carteiras de Trabalho e Previdência Social (PME, IBGE, 2000).

1.2. Globalização e sujeito.

Embora pareça algo bem distante da vida cotidiana, o processo de globalização produz reflexos em praticamente todos os setores da sociedade moderna. Por seu grau diferenciado de impacto na vida das pessoas, bem como pela qualidade de relações sociais que produz, o

conceito de globalização não é consensual. Podemos falar de globalização como fenômeno econômico (Baumann, 1996), como fenômeno político, como fenômeno histórico (Ianni, 1999;1998), como fenômeno comunicacional (McLuhan, 1989). O fato é que a globalização não é a mesma para todos os povos, embora a todos eles ela lance seus braços. Os vários aspectos da globalização acima se interligam num todo, definindo a vida social e impulsionando um novo modo de viver a subjetividade.

Mas afinal, o que é a globalização?

Do ponto de vista histórico, a globalização é o resultado de um processo histórico de desenvolvimento do capitalismo – vale dizer que a globalização é a fase atual de desenvolvimento capitalismo. O capitalismo já nasceu com ideais globalizantes. É difícil sinalizar quaisquer comentários sobre a globalização sem falar na intenção de primeira hora dos pioneiros do capitalismo na era moderna: a história do capital é a história da tentativa do capital de vencer fronteiras (Ianni, 1999). São várias as teses que tratam da modernidade, na qual a globalização simboliza uma ruptura, ou um movimento em processo com repercussões também diversas. Nascimento (1999) comenta o debate sobre os rumos da modernidade que apontam a globalização e a exclusão social como “fenômenos que, para uns, aceleram o fim da modernidade, (e) para outros, aprofundam a sua crise, impulsionando a sua radicalidade” (Nascimento, 1999, p.74).

Noutro artigo, Domingues (2001) comenta:

“O debate sobre a modernidade tem ocupado um lugar central nas últimas décadas, com as posições formando um arco que vai de uma simples e direta reafirmação dos conceitos para compreender

uma realidade moderna não alterada às mais fortes teses sobre o início de um mundo pós-moderno, de um tipo inteiramente novo de sociedade, com várias posições se apresentando intermediariamente. Em minha perspectiva, muito mudou e mais ainda deve ser esperado, porém é mister que sejamos cuidadosos para não exagerar essas mudanças e tomar uma nova fase da modernidade (que provavelmente durará bastante, também em virtude da sua flexibilidade) por aquilo que ela não é: uma suposta mudança civilizacional, uma ruptura civilizatória.” (Domingues, 2001, p.1)

Os autores concordam, no entanto, que a modernidade trouxe mudanças significativas para a estrutura das relações sociais, num movimento conveniente ao desenvolvimento do capitalismo, não estando de acordo, no entanto quanto à natureza desta mudança.

Assim, nos seus primórdios, o capitalismo formado a partir do estado feudal, evolui para as grandes corporações transnacionais, os tratados internacionais de comércio, os jogos de livre comércio. Os princípios ideológicos que regem estes jogos, no entanto, tem um mesmo princípio econômico:

Pode-se dizer que a teoria da modernização tem por base também o princípio da “mão invisível”, imaginado pela primeira vez por Adam Smith. Na medida em que se desenvolve a divisão do trabalho em escala nacional, regional, internacional e global, promove-se a difusão dos fatores produtivos, das capacidades produtivas, dos produtos produzidos e do bem estar geral. No limite, a mão invisível pode garantir a felicidade geral de uns e outros, em

todo o mundo, em conformidade com os princípios do mercado, do ideário do liberalismo e neoliberalismo; economia e liberdade; liberdade econômica como condição política; liberdade e igualdade de proprietários garantidos pelo contrato codificado no direito.

O neoliberalismo dos tempos da globalização do capitalismo retoma e desenvolve os mesmos princípios que se haviam formulado e posto em prática com o liberalismo ou a doutrina da mão invisível, a partir do século XVIII. (Ianni, 1999, p.100).

Do ponto de vista político, a globalização é uma nova ordem social, segundo o qual ela revela a crise dos Estados Nacionais. No mundo do capitalismo, a interdependência entre os Estados-nação, a regulação de uma relação transnacional baseada no livre comércio cria uma nova forma de estratificação social; agora não são classes sociais que se hierarquizam entre pobre e ricos, mas Estados-nação que são superiores economicamente. Paralelos a eles, as instituições transnacionais, os conglomerados, as grandes corporações que ditam as regras do jogos econômico, e por conseqüência, o social também. Aqui se colocam duas questões de fundamental importância. A primeira se refere à SOBERANIA pois

“... é claro que a soberania do Estado-nação periférico ou do sul é em geral muito limitada, ou quando não simplesmente nula. Se é provável que alguns destes Estados nacionais alcançaram a soberania em momentos passados, é muito mais provável que eles pouco ou nada desfrutam de soberania na época da globalização do mundo. A dinâmica das relações, processos e estruturas que

constituem a globalização reduzem ou anulam os espaços de soberania, inclusive para nações desenvolvidas, dominantes, centrais, do norte ou do Primeiro Mundo. Apesar das prerrogativas que preservam e inclusive procuram ampliar, é inegável que a soberania do Estado-Nação é um princípio carente de nova jurisprudência, e de outro estatuto jurídico-político”. (Ianni, 1999, p 85.)

Assim, as decisões locais são influenciadas por, e influentes na, decisão das ações estratégicas tanto de outras nações, como de organismos transnacionais, instituições e conglomerados.

E é neste interjogo que outra característica fundamental da globalização se revela, que é a da hegemonia dos Estados-nação, hegemonia esta que é, quase sempre, provisória.

“No âmbito do sistema mundial, coloca-se também o problema da hegemonia, isto é do Estado-nação mais forte e influente, monopolizando técnicas de poder e oferecendo ou impondo diretrizes aos outros” (Ianni, 1999, p.86).

Do ponto de vista econômico, algumas características são marcantes. Baumann (1996), assim a caracteriza:

- segundo uma perspectiva financeira, pelo aumento de volume e circulação de recursos sobre as diversas economias
- segundo uma perspectiva estritamente comercial, por uma equalização dos sistemas de oferta e procura dos bens de consumo nos diversos países. Neste sentido, a intervenção de organismos transnacionais,

mediadores de novos modos de gestão da economia mundial tem função primordial.

- segundo uma perspectiva do setor produtivo, “uma convergência das características do processo produtivo nas diversas economias”(Baumann, 1996. P. 35). Neste sentido, duas áreas se destacam como promotoras do desenvolvimento econômico: a área tecnológica, e a área de informação e processamento de dados.

- segundo uma perspectiva institucional, a globalização ‘força’ uma mesma estrutura de gestão, onde empresas e Estados-nação tem uma relação mais horizontal, inclusive quanto ao grau de influência.

- segundo uma perspectiva de política econômica, “a globalização implica em perda de diversos atributos de soberania econômica e política por parte de um número crescente de países, aí incluídos tanto as economias em desenvolvimento quanto os países membros da OCDE” (p.36). A política neoliberal é então conduzida como corolário ideológico para as diretrizes governamentais, favorecendo o pleno progresso do capitalismo sem fronteiras. Dentre as diretrizes, a menor intervenção do estado na economia, a regulação das bolsas a custo de altas taxas de juros, a desregulação de mercados financeiros.

Diante deste quadro, Dowbor (1998) faz a sua análise crítica apontando diretrizes para o futuro da sociedade referente aos seguintes aspectos:

No campo tecnológico, está a discrepância entre o grande avanço técnico dos últimos vinte anos e o lento desenvolvimento das instituições, gerando exclusão social e má qualidade de vida, sobretudo quando o manejo de técnicas de impacto planetário não se alia a uma preocupação e provisão dos aspectos ecológicos (em sentido mais amplo).

O rápido desenvolvimento técnico leva também a uma subversão das noções de tempo e espaço. Nas relações de produção, um tênis pensado em um lado do planeta é consumado em outro e consumido em um terceiro lugar. Enfim, o desenvolvimento tecnológico criou um novo espaço, o espaço virtual, cenário no qual hoje as transações financeiras se efetuam. Dowbor (1998) chama atenção para o perigo da ingovernabilidade diante da plasticidade com que essas transações são feitas:

“Esta ausência de instrumentos de regulação da economia global agrava prodigiosamente a polarização mundial entre ricos e pobres. Hoje nenhuma pessoa em sã consciência fala de “bolsões” de pobreza, quando os bolsões se referem a cerca de 3,2 bilhões de pessoas, 60% da humanidade, que sobrevivem com uma média de 350 dólares por ano, menos da metade do triste salário mínimo brasileiro. Isto quando o mundo produz 4.200 dólares por pessoa e por ano, portanto amplamente o suficiente para todos viverem com conforto e dignidade, caso houvesse um mínimo de lógica distributiva. Este problema é particularmente importante para nós, já que somos o país hoje que tem a distribuição de renda mais absurda do mundo: 1% das famílias mais ricas do Brasil auferem 17% da renda do país, enquanto os 50% mais pobres, cerca de 80 milhões de pessoas, auferem cerca de 12%.” (p. 11).

A questão da urbanização, colocada pelo autor, também merece uma reflexão urgente. O processo de urbanização cada vez crescente solicita dos governos uma resposta imediata, à medida em que a urbanização cria problemas de ordem estrutural. Cada vez mais, a necessidade de atender a

problemas cotidianos e simples, mais próximos dos cidadãos exige uma descentralização do poder deliberativo para a resolução dos mesmos.

“ A urbanização sem a correspondente descentralização das políticas e dos recursos, e na ausência de sistemas integrados de gestão participativa com prefeituras, empresas e organizações comunitárias para assegurar um mínimo de coerência no desenvolvimento e qualidade de vida do cidadão, constitui outro eixo explosivo que requer uma drástica revisão da própria lógica das nossas instituições” (p.13)

Uma outra importante reflexão que propõe o autor, refere-se às transformações na esfera da produção. Se por um lado, otimizaram-se os processos, liberando o homem para atividades de autodesenvolvimento, pelo outro postos de trabalho que deixaram de existir, criando o chamado *desemprego estrutural*. Superando a classificação da produção de bens e serviços em setores primário, secundário e terciário, subsiste setores diferenciados da economia que não se pode desconsiderar. Nestes incluem-se o setor informal, e o ilegal. Em termos práticos, uma vaga gerada em um canto do mundo significa outra vaga desaparecendo em outro canto do planeta em razão direta.

“Assim, enquanto por um lado se desenvolve, na ponta, a chamada democratização gerencial, aprovam-se as sucessivas ISO’s, e o mundo avança num processo de aparente modernização, por outro lado a sociedade vai sendo rapidamente desagregada pela base, pois não basta produzir muitas quinquilharias cada vez mais

baratas, é preciso voltar a considerar que o processo de desenvolvimento se refere ao ser humano.” (p.15).

Deste modo, para o âmbito do trabalho e das idéias que queremos desenvolver, o impacto da globalização sobre o indivíduo fica evidente, ainda que esse impacto não seja percebido pelo cidadão comum.

1.3. Indivíduo e Sujeito: a implicações de um sobre o outro

Diante do exposto no quadro anterior, onde emerge o sujeito, agente e paciente desta ordem social? Ao se tratar do conceito de globalização, as forças sociais que “circulam” nos dão a impressão de que falamos de um ser humano abstrato, fruto de uma teorização sobre a vida. Tal sujeito, sobretudo aquele mais humilde, revela-se refém do meio, nos remetendo à velha questão da psicologia sobre a hereditariedade x meio ambiente, ou seja, do homem ativo, já constituído pela natureza dos recursos necessários para agir sobre ela, contra um outro homem passivo, reativo, fruto das relações que o envolveram.

A teoria das representações sociais nos coloca este desafio: saber entre o campo social e o psicológico o que resulta o sujeito. Assim, é importante que reflitamos o percurso da psicologia ao olhar para o homem.

Uma primeira questão refere-se à passagem do sujeito como indivíduo. Mais do que um jogo de palavras, a noção de indivíduo é dada historicamente influenciando por toda essa década os rumos da Psicologia. Vale dizer, a psicologia nasceu enquanto disciplina autônoma com o olhar voltado para o **indivíduo**, sendo este o marco divisório da psicologia social e a sociologia propriamente dita.

*“Também na Psicologia, essa categoria aparece como um **a priori** não problematizado, tanto nas suas formulações teóricas, quanto em seus desdobramentos prático-profissionais. Na psicologia, muitas discussões vêm sendo travadas sob a dicotomia indivíduo/sociedade ou em termos de natural/social, inato/adquirido*

etc., sem uma reflexão devida sobre estes pressupostos” (Mancebo, 1999, p. 35)

Mancebo (1999), então, discutindo várias posições teóricas, mostra como o indivíduo apareceu para a Psicologia em um movimento consonante com a modernidade. A noção de indivíduo, no entanto, não pode ser confundida com o sujeito autônomo. O Indivíduo, personagem da história, motivo da psicologia moderna, é o indivíduo de aspiração liberal.

“Neste contexto (liberal), para que os direitos individuais pudessem ser preservados e desenvolvidos, passa-se a defender uma clara separação entre as esferas pública e privada: nesta última prevalecem as convenções, os princípios da racionalidade e da funcionalidade, exigindo dos indivíduos decoro e civilidade, enquanto à primeira cabe o exercício da liberdade individual concebida como território livre da interferência alheia” (p.38).

Essa concepção tomada pela psicologia para não perder o bonde da história, ao mesmo tempo diferenciando-se de outras disciplinas das ciências humanas, é importante para os estudiosos das representações sociais, porque traz para si a inclusão do sujeito num espaço público, dando ao cenário privado o único lugar possível de manifestação da subjetividade.

Jovchelovitch (1998) discute, a partir das principais idéias de Habermas, esse mesmo movimento do sujeito e do indivíduo entre a esfera pública e privada. Especialmente Habermas é um autor que aprofunda a discussão sobre a dinâmica da esfera pública burguesa.

“Habermas define a esfera pública como um espaço em que cidadãos se encontram e falam uns com os outros de forma que

garanta acesso a todos. É a esfera onde o princípio da transparência e da prestação de contas se desenvolve. Ao mesmo tempo, implica um diálogo entre cidadãos que incorpora uma série de características ideais, tais como: 1) o debate no espaço público deve ser aberto e acessível a todos; 2) as questões em discussão devem ser preocupações comuns – interesses puramente privados não são admissíveis; 3) desigualdades de condição são desconsideradas; e 4) os participantes devem decidir como iguais. O resultado de tal espaço público então seria a opinião pública, considerada como um consenso adquirido através do livre debate sobre a vida em comum.” (p. 69).

Claro está que estes ideais foram sendo deturpados com o tempo pela necessidades emergentes do capitalismo, entre as quais está a globalização e as transformações já citadas. É neste sentido, que o estudo das Representações das categorias emprego, trabalho e profissão pode nortear a compreensão da formação da identidade do sujeito. Ao mesmo tempo que a esfera pública orienta a vida dos sujeitos plasmando-lhes o ideal individualista do liberalismo, também abre caminho para que uma subjetividade se constitua determinando uma ordem e uma pratica social.

1.4. A Teoria das Representações Sociais

A teoria de representações sociais tem se mostrado versátil por abranger diferentes formas de expressão no campo científico. Como salienta Doise & Palmorani (*apud* Santos, 2000, p.116) "*a pluralidade de abordagens e de significações que ela veicula fazem dela um instrumento de trabalho difícil de manipular*". Por isso é uma área de investigação que necessita de intensificar sua produção no campo da ciência, afim de melhor definir seus conhecimentos.

Moscovici (*apud* Sá, 1994) ao propor o conceito de representações, abriu novas perspectivas de estudo no campo da psicologia social, quando reconheceu nos fenômenos psicossociais os aspectos sociodinâmicos dos mesmos. O autor rompeu, assim, com uma tradição da psicologia predominantemente norte-americana que até então tratava os objetos de estudo psicossociológicos apenas do ponto de vista dos indivíduos. Sua proposta trouxe a perspectiva de investigar os mecanismos pelos quais um dado conhecimento é coletivizado, distribuído e assumido como válido e instrumental para um dado grupo, comunidade ou conjunto de pessoas.

O aspecto mais relevante desta ruptura é o de não se limitar à explicação da dinâmica e formação de uma representação, qual seja, um dado conhecimento que chega à comunidade, apenas do ponto de vista da dinâmica interna do indivíduo. Ela se estende para a dinâmica do próprio grupo, levando em conta que a representação é de todos e não é de ninguém.

Há, contudo, como o próprio Moscovici admite (*apud* Sá, 1994, p.19) uma certa dificuldade em dar às representações sociais um conceito exato pois estas são: "*tanto um conjunto de fenômenos quanto o conceito*

que o engloba e a teoria construída para explicá-los, identificando com um vasto campo de estudos psicossociológicos”.

Pode-se dizer, que as representações sociais são objetos de conhecimento estruturados, que transitam de sujeito para sujeito, importando neles uma dada orientação compartilhada, revelando uma natureza aglutinadora e consensual dentro do grupo ou conjunto de pessoas considerado. Neste sentido, conforme Wagner (1998), pode ser concebida tanto como um processo social que envolve comunicação e discurso quanto o mecanismo individual pelo qual os indivíduos reivindicam para si um sentido dos conhecimentos circulantes. Tanto assim, que Moscovici (*apud* Sá, 1994) considerava as representações sociais como uma versão contemporânea do senso comum.

Para Rosado & Andrade (1998, p.6) as representações:

"... são 'teorias' construídas acerca de si, do outro e das coisas, que auxiliam o sujeito em sua prática de vida em sua ação. Isso quer dizer que a representação social está subjacente às interações, às relações sociais que os sujeitos entretêm com os elementos que compõem seu meio".

Jodelet (*apud* Martins, 1997) afirma ainda que estas se constituem em estruturas cognitivo-afetivas construídas através do social. Também nesta perspectiva Malrieu (*apud* Martins, 1997, p.40) assevera que *"as representações seriam elaborações psíquicas complexas que se integram, em uma imagem significante, a experiência de cada um, os valores e as informações circulantes na sociedade"*.

Esta é a sua complexidade – produção do sujeito a partir de variantes sociais; produção social e coletiva pela mão de cada sujeito. Na descrição do processo de elaboração das representações sociais, Spink (1998, p.121) afirma que elas são campos ou estruturas socialmente estruturadas pois estão inseridas num contexto, sob a influência de seu grupo referencial. O sujeito que declara sua representação, o faz sobre um objeto socialmente compartilhado, inclusive por meio da linguagem que o denomina. No entanto, “*as representações são também uma expressão da realidade intra-individual, uma exteriorização do afeto. São, neste sentido, estruturas estruturantes que revelam o poder de criação e transformação social*”.

Wagner (1998) oferece um modelo de análise de representações sociais que, de modo contínuo, apresenta níveis de avaliação social e individual, tanto no referente a *variáveis independentes* como às *variáveis dependentes*. Quando consideradas as representações *variáveis independentes* de um fenômeno e, portanto, como *elementos estruturantes da realidade*, elas contribuem para compreender como as crenças sobre determinado objeto psicossocial se relacionam e se estruturam, de modo a produzir um *modus operandi* social em torno de determinado fato. O autor ainda observa que há uma maior tendência entre os psicólogos de pesquisa dentro deste nível de avaliação.

Quando as representações são consideradas *variáveis dependentes*, a pesquisa toma o rumo de uma investigação acerca da construção de um conhecimento de senso comum. Neste nível de avaliação social, a pesquisa procura revelar a estrutura e o processo formador de uma representação social.

Nos dois enfoques, tanto como *variável dependente* ou como *independente*, algumas pesquisas tem se utilizado do conceito de representações para discussão de diversos assuntos. Para citar alguns exemplos mais recentes de investigações no campo educacional ver as pesquisas acerca da escola como espaço de representações sociais (Duarte, 1998); a qualidade da educação (Leão, 1996); sobre o disciplinas pedagógicas (Santos, Andrade, Lima, Fragoso, Araújo & Souto, 1999); a prática pedagógica e a formação de professores (Oliveira, 1997; Pereira, 1999); sobre evasão escolar (Cavenaghi & Minini, 2000); dificuldades de aprendizagem (Corsini, 1998; Corsini, 2000) e até acerca do uso da informática na escola (Rosado & Mateus, 1999).

Também têm sido produzidas pesquisas sobre outros temas com base na teoria das representações sociais, estudos sobre: a questão *do idoso* (Martins, 1997); sobre *AIDS* (Wuo, 1998; Rosado & Andrade, 1998); *meio ambiente* (Silveira, 1997; Figueiredo, 2000); *literatura* (Bertho, 1991); *adolescência, gênero e família* (Amaral, 1997); *doenças ocupacionais* (Magalhães, 1998), dentre as temáticas que podem ser encontradas na literatura científica.

Além deste aspecto do modo como vem sendo pesquisado o conceito (estado da pesquisa em representação social no Brasil) é importante assinalar que a definição deste constructo tem dois elementos fundamentais para sua caracterização assinaladas por Moscovici (*apud* Sá, 1994): trata-se dos processos de *objetivação* e de *ancoragem*. O primeiro refere-se a uma construção icônica da interpretação de um objeto social. Em outras palavras, dar feições de objeto tangível, reconhecível, a um conhecimento que chega novo ao sujeito. A *ancoragem* é o processo de significação do objeto, dar-lhe conceitos e definições que o tornem

reconhecidos no novo contexto do sujeito. O processo é sempre, portanto, no sentido de tornar familiar algo não familiar. Neste sentido, os estudos que atualmente têm sido realizados, devem atentar para o modo como apresentarão seu objeto de investigação a partir destas definições.

Conforme demonstrado, a teoria das representações sociais, cuja amplitude ainda se estende para fora da psicologia social abrangendo outras áreas de conhecimento, revela-se como um instrumental básico que, segundo Vala (*apud* Ximenes, 1997), leva à organização significativa do real, explica e orienta os comportamentos, produz diferenciação intergrupar e criação de identidade social, como também é salientado por Martins (1997), Rosado & Andrade (1998).

No estudo aqui proposto, interessa especificamente a relação da temática das representações sociais e trabalho na construção da identidade social do profissional (do trabalhador). As representações utilizadas na pesquisa sobre relações sociais de produção, na qual o "*trabalho*" se apresenta como categoria fundamental de análise, pode fornecer pistas sobre como os sujeitos lidam com as exigências do processo de trabalho, revelando assim indicadores de ajustamentos e saúde mental. As relações entre o indivíduo e o seu contexto social, podem ser representadas na **figura 1**.

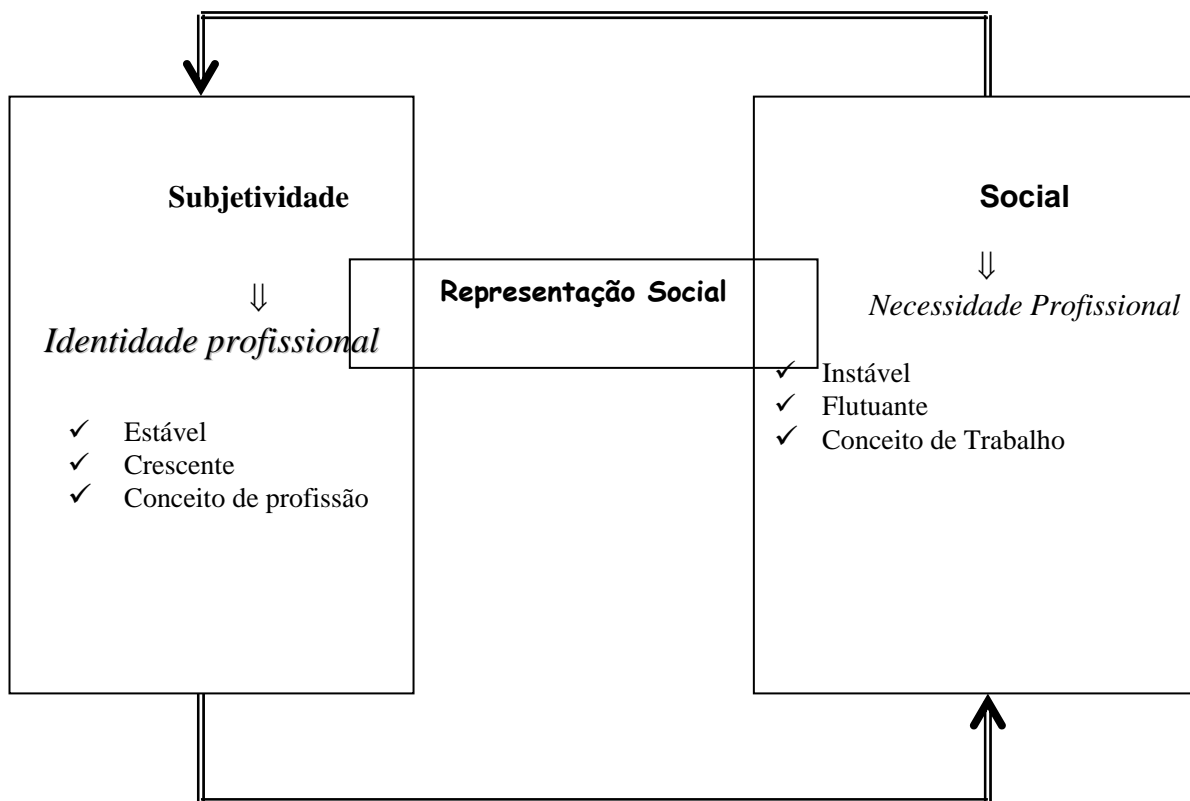


Figura 1. Modelo teórico da RS de emprego, trabalho e profissão.

Sato (1994), estudando as representações sociais de trabalho penoso, diz que há um conhecimento próprio dos trabalhadores sobre o seu trabalho, que se considerado sob o olhar científico, produz comportamentos e operações sobre a tarefa inadequados, mas que, contudo, são ajustamentos às exigências impostas à vida psíquica dos trabalhadores. Deste modo, a pesquisadora conclui que:

"... em termos práticos, no sentido de visualizar a aplicação da noção de representação social em saúde do trabalhador, da mesma

forma que nos indicam quando elas nos conduzem à identificação de quando o trabalho é incômodo, elas também indicam quando ele é confortável” (p.56).

Além do estudo acima citado, foi encontrado na literatura o trabalho de Bock (1994) que utiliza-se da relação representação social e trabalho. A autora investigou o significado do trabalho dos psicólogos a partir de três categorias de análise: atividade, consciência e identidade.

Numa revisão bibliográfica sobre as investigações do tema do trabalho, observa-se que alguns autores o classificam como importante indicador da construção da subjetividade (Carvalho, 1994). De um lado, o trabalho inscreve o sujeito num determinado grupo social, por assim dizer, socializa-o, dando os instrumentos psíquicos para estar em interação permanente dentro de seu grupo de pertença. De outro, o trabalho individualiza-o, cria um espaço único de subjetivação, como se refere Dejours (1993) é fonte de satisfação sublimatória, condição de expressão de sentimentos e expectativas do indivíduo.

Condições contingenciais, tanto imediatas (condições objetivas de trabalho, cultura e objetivos da organização) quanto as condições mediatas (a conjuntura histórica e política na qual o trabalhador está implicado) modificam o modo como este trabalhador percebe e se relaciona com o seu objeto de trabalho (Carvalho, 1994).

As condições mediatas, o contexto sócio-cultural como fator formador de uma representação social, se apresenta como pano de fundo, do qual as categorias "*trabalho*", "*emprego*" e "*profissão*" emergem. Comumente, esse contexto tem sido chamado de globalização, reunindo nesta denominação um conjunto de transformações econômicas e políticas

que, por sua vez, incidem na vida cotidiana, nas manifestações culturais e artísticas, na educação, nas relações interpessoais, entre outras. Tais transformações caracterizam-se:

a) no plano ideológico-político, pela reformulação dos modos como se realizam as ideais liberais de liberdade, igualdade e fraternidade, por meio da ênfase na livre expansão da economia, favorecendo grandes tratados comerciais, tanto entre empresas (transnacionais), quanto entre nações, pela menor influência possível do Estado na gestão do grande capital e na economia como um todo.

b) no plano econômico, pelo capital transnacional, pelo pragmatismo econômico expresso pela determinação de práticas sociais em função das necessidades do mercado (o que inclui ajustes e/ou ênfase nos seus processos básicos), homogeneização das políticas econômicas nos países em desenvolvimento, sob pressão dos grandes blocos econômicos, acelerado crescimento tecnológico, implicando no chamado “*desemprego estrutural*” – modificação do processo de trabalho que implica em menos postos de trabalho sem prejuízo, e pelo contrário, da produtividade das empresas (Ditrich, 1999).

"As transformações discriminadas por si só indicam seus impactos no interior das relações de produção e estas, por sua vez, no dia-a-dia das pessoas. As pressões tecnológicas importadas pelo modelo neoliberal, e as conseqüências sociais mais drásticas como o desemprego, a necessidade constante de atualização, o papel da comunicação neste processo, tem grande relevância na análise da subjetividade hoje em dia, e também tendo como pano de fundo estas questões que se propõe empreender este estudo.(p.)

Conforme especificam Rosado e Andrade (1998), as representações traduzem concepções do indivíduo sobre si próprio e seu meio (neste caso o contexto amplo acima descrito) e auxiliam-no na sua vida. Desta forma as autoras antevêm uma ligação necessária entre programas de prevenção e representação social pois acreditam que:

"trabalhar com prevenção significa criar condições que permitirão mudanças em padrões de comportamento, portanto com condição (ao menos potencial) de interferir nas 'teorias' sobre os objetos que os sujeitos elaboraram ao longo de sua interação com o ambiente. De uma maneira mais ampla, significa educar."(p.6).

Isso só é possível, complementam as autoras a partir da exploração da concepção grupal sobre determinados assuntos, em suas próprias palavras: *"se não se explorar a interpretação particular que um determinado grupo social tem do comportamento, das condutas que se busca alterar, as mudanças e principalmente a manutenção destas ficarão comprometidas"* (p. 6-7).

Neste sentido o presente estudo tem em última instância a pretensão de contribuir preventivamente no sentido de que a partir de seus resultados possa se sugerir propostas preventivas de atuação para promoção de saúde mental dos indivíduos em questão. Como salienta Guzzo (2000) é preciso que os profissionais da Educação e de outras áreas, procurem atuar mais neste sentido preventivo pois o modelo de atuação de caráter remediativo e terapêutico é um *"modelo de atuação profissional que não se sustenta mais nos dias de hoje e na perspectiva de futuro"* (p. 52-53).

1.5. Objetivos

O objetivo geral é explorar e caracterizar os conteúdos das representações sociais das categorias "trabalho", "emprego" e "profissão" no cenário ocupacional de alunos do ensino médio, com vistas a identificar seus conhecimentos sobre estas e compará-las para construção de propostas para programas de orientação profissional num sentido preventivo, tendo como pano de fundo o contexto econômico-político atual e os ajustamentos psicológicos decorrentes deste na construção da subjetividade.

Constituem objetivos específicos da pesquisa:

1. Caracterizar os conteúdos de representação social das categorias "trabalho", "emprego" e "profissão" da amostra de estudantes de ensino médio;
2. evidenciar os conhecimentos manifestados via discurso verbal sobre as categorias descritas de modo a discriminar necessidades de esclarecimento e orientação no que tange a escolha profissional;
3. realizar análise de conteúdo dos sujeitos e comparação dos dados da amostra com intuito de identificar modos de intervenção antes e durante o processo de escolha e definição profissional;
4. identificar pela análise de conteúdo as relações estabelecidas pelos sujeitos entre as categorias pesquisadas e o modo a argumentar contra ou a favor de uma versão dos fatos;

5. contribuir para a discussão sobre a identidade ocupacional dos indivíduos e as práticas psicológicas, promovendo referencial teórico para a intervenção em quaisquer níveis de inserção (terapêutico, promotor de saúde e preventivo).

3. Método

Sujeitos

A amostra foi constituída de dois grupos:

O primeiro grupo de sujeitos foi composto de 10 estudantes do penúltimo e último ano do ensino médio, especificamente pré-vestibulandos, de uma escola de línguas da cidade de Campinas/SP. Informações complementares quanto às características sócio-econômicos podem ser observadas no **Quadro I**. Dos 10 estudantes, sete eram do sexo feminino e três do masculino. A faixa etária era de 16 a 18 anos, sendo a média de $X= 15,18$. A classe social predominante é classe média alta.

Quadro I*. Características Socio-Econômicas do Grupo da Escola Particular

Grupos	Sujeitos	Idades	Sexo	Casa Própria	Trabalha?	Escolaridade	Profissão dos pais
Grupo Escola Particular	1	16	M	SIM	NÃO	2o Em	IND/IND
	2	16	M	SIM	NÃO	2o EM	IND/IND
	3	17	M	SIM	NÃO	3o EM	Engenheiro/Dona de casa
	4	16	F	SIM	NÃO	2o EM	Dentista/Dentista
	5	16	F	SIM	NÃO	2o EM	Médico/Médica
	6	16	F	SIM	NÃO	2o EM	IND/IND
	7	17	F	SIM	NÃO	3o EM	IND/IND
	8	18	F	SIM	NÃO	3o EM	IND/IND
	9	18	F	SIM	NÃO	3o EM	IND/IND
	10	17	F	SIM	NÃO	3o EM	IND/IND
	Média	15,18					

O segundo grupo eram estudantes do último ano do ensino médio e do segundo período do supletivo do ensino médio de uma escola pública de Souza, distrito de Campinas. Informações complementares sobre as características sócio econômicas podem ser observadas no Quadro II.

* Abreviaturas usadas: F= Feminino; M= Masculino; EM= Ensino Médio; IND= Informação não disponível.

Todos os componentes deste grupo são do sexo feminino. As idades variam de 16 a 27 anos. A média de idade é $X = 17,91$. Todas trabalham. A faixa etária é classe média baixa a baixa.

Quadro II . Características Sócio-Econômicas do Grupo da Escola Pública**

Grupos	Sujeitos	Idades	Sexo	Casa Própria	Trabalha?	Escolaridade	Profissão dos pais
Grupo Escola Pública	1	21	F	SIM	SIM	4o. PSEM	IND/IND
	2	23	F	NÃO	SIM	2o PSEM	IND/IND
	3	19	F	NÃO	SIM	2o PSEM	IND/IND
	4	22	F	NÃO	SIM	2o PSEM	Falecido/Empregada doméstica
	5	18	F	SIM	SIM	3o EM	IND/IND
	6	17	F	IND	SIM	3o EM	IND/IND
	7	17	F	IND	SIM	3o EM	Falecido/IND
	8	17	F	IND	SIM	3o EM	IND/IND
	9	16	F	SIM	SIM	3o EM	Falecido/Gerente de Farmácia
	10	27	F	NÃO	SIM	2o PSEM	Falecido/Falecida
	Média	17,91					

Material

Foram utilizados para este trabalho, dois gravadores de fita cassete de mão (sendo que um reserva), folhas brancas para o uso dos informantes em diversas técnicas, conforme relatado a seguir, cento e vinte cartões postais comerciais, dez fichas de emprego, dois cd's de musica new age, e vinte cadernos de emprego de um grande jornal da capital

** Abreviaturas usadas: F= Feminino; M= Masculino; EM= Ensino Médio; PSEM= Período do Supletivo do Ensino Médio; IND= Informação não disponível.

Procedimento de coleta de dados

Os grupos foram formados a partir de inscrição prévia para um processo de orientação vocacional em abordagem qualitativa. Nesta abordagem, segundo Bohoslavski (1985), o orientando é convidado a pensar nos determinantes da sua escolha profissional, identificando fatores facilitadores e impeditivos.

Foi planejado para este fim, um processo em seis etapas, cada uma com objetivos e atividades específicas, conforme se segue:

Quadro III. Descrição das técnicas de orientação vocacional.

Qua		Grupo 1		Grupo 2	
Seqüência dos encontros	Objetivos	Descrição das técnicas	Gravação da sessão	Descrição das técnicas	Gravação da sessão
1o. encontro	Apresentar os membros dos grupos Esclarecer para o grupo o que é a orientação, bem como o caráter científico da programa. Formar vínculo entre o grupo Identificar sumariamente algumas escolhas	1) O coordenador apresentou o grupo, a proposta de trabalho e estabeleceu as regras de funcionamento do grupo 2) O coordenador distribui cartões postais comerciais, e pediu que escolhessem o menor número possível entre vários, que o representasse. 3) o coordenador entrevistou cada membro do grupo, levantando interesses vocacionais e explorando as primeiras idéias sobre o conceito de trabalho, profissão e emprego. 4) o coordenador pediu que fizessem uma pergunta a ele, de qualquer ordem.	Não	1) O coordenador apresentou o grupo, a proposta de trabalho e estabeleceu as regras de funcionamento do grupo 2) O coordenador distribui cartões postais comerciais, e pediu que escolhessem o menor número possível entre vários, que o representasse. 3) o coordenador entrevistou cada membro do grupo, levantando interesses vocacionais e explorando as primeiras idéias sobre o conceito de trabalho, profissão e emprego. 4) o coordenador pediu que fizessem uma pergunta a ele, de qualquer ordem.	Sim
2o. encontro	Conhecer as estruturas das escolhas, examinando o modo como escolhem as coisas para si.	1) o coordenador entrega uma barra de chocolate para o grupo, e solicita que o grupo decida uma forma de escolher um destinatário para a barra. 2) discute-se os valores implícitos na escolha	Sim	1) o coordenador entrega uma barra de chocolate para o grupo, e solicita que o grupo decida uma forma de escolher um destinatário para a barra. 2) discute-se os valores implícitos na escolha	Sim
3o. encontro	Confrontar os desejos que estão por trás das escolhas através dos conflitos que impedem a livre escolha	1) Os sujeitos responderam um quadro sobre o que acontecia com eles há dez anos atrás, hoje e daqui a dez anos, em relação aos amigos, a família, eles mesmos, e a profissão. 2) Os sujeitos relataram o que responderam no quadro, e o coordenador explorou os temas	Sim	1) Os sujeitos responderam um quadro sobre o que acontecia com eles há dez anos atrás, hoje e daqui a dez anos, em relação aos amigos, a família, eles mesmos, e a profissão. 2) Os sujeitos relataram o que responderam no quadro, e o coordenador explorou os temas	Sim
4o. encontro	Vivenciar papéis sociais diferentes e ampliar as possibilidades de escolha.	1) Distribuiu-se uma ficha de solicitação de emprego, pedindo aos respondentes que simulassem estarem já formados, e com as especializações já desejadas, mas que, no entanto, todos os demais dados fossem verdadeiros. 2) Depois de preenchidos, o coordenador leu as profissões e pediu que cada um falasse, dentre as profissões mencionadas, as que menos gostavam. Estas foram oferecidas a eles, e foi colocada a seguinte situação-problema: todos os membros do grupo faziam parte de uma equipe de uma ONG que atuava em uma favela da periferia de Campinas. A comunidade precisava muito da ajuda de todos os profissionais da equipe. A missão de cada um era a de elaborar os projetos de atuação dentro da ONG no sentido de ajudar a comunidade. 3) Discutiu-se como eles se sentiriam trocando de "profissão" e as fantasias ligadas à carreira. 4) Distribuiu-se jornais classificados de emprego, e o coordenador pediu para procurarem o emprego solicitado na ficha que preencheram. 5) Discutiu-se a questão do emprego e o desemprego.	sim	1) Distribuiu-se uma ficha de solicitação de emprego, pedindo aos respondentes que simulassem estarem já formados, e com as especializações já desejadas, mas que, no entanto, todos os demais dados fossem verdadeiros. 2) Depois de preenchidos, o coordenador leu as profissões e pediu que cada um falasse, dentre as profissões mencionadas, as que menos gostavam. Estas foram oferecidas a eles, e foi colocada a seguinte situação-problema: todos os membros do grupo faziam parte de uma equipe de uma ONG que atuava em uma favela da periferia de Campinas. A comunidade precisava muito da ajuda de todos os profissionais da equipe. A missão de cada um era a de elaborar os projetos de atuação dentro da ONG no sentido de ajudar a comunidade. 3) Discutiu-se como eles se sentiriam trocando de "profissão" e as fantasias ligadas à carreira 4) Distribuiu-se jornais classificados de emprego, e o coordenador pediu para procurarem o emprego solicitado na ficha que preencheram. 5) Discutiu-se a questão do emprego e o desemprego	sim
5o. encontro	Refletir sobre a ampla fonte de dificuldades que impedem as escolhas, afim de torná-las mais claras para uma decisão.	1) Com uma música new age, o coordenador promoveu um relaxamento com os membros do grupo. Durante o relaxamento, os membros foram estimulados a recuperar cenas do passado de cada um, numa linha de tempo cada vez mais afastada, de episódios recentes a episódios remotos. 2) discutiu-se a influencia familiar nas escolhas profissionais. 3) Deu-se uma devolutiva sobre impressões a respeito de como cada um lida com as escolhas.	Sim	1) Com uma música new age, o coordenador promoveu um relaxamento com os membros do grupo. Durante o relaxamento, os membros foram estimulados a recuperar cenas do passado de cada um, numa linha de tempo cada vez mais afastada, de episódios recentes a episódios remotos. 2) discutiu-se a influencia familiar nas escolhas profissionais. 3) Deu-se uma devolutiva sobre impressões a respeito de como cada um lida com as escolhas.	Não
6o. encontro	Refletir sobre todo o processo, fechando com uma conclusão sobre o tema, e orientando sobre os perfis das várias carreiras, sobretudo aquelas que existem na PUCCamp e que seriam objeto de interesse dos alunos.	1) Retomou-se as fichas de emprego, solicitando que cada um imaginasse uma cena com a profissão assinalada na ficha. 2) com elementos da própria sala (carteiras, cadeiras e os colegas), montou-se rapidamente a cena de cada um. 3) Pediu-se para falar do momento da escolha e de como eles situam conceitualmente emprego, trabalho e profissão. 4) Fez-se uma avaliação final.	Sim	1) Retomou-se as fichas de emprego, solicitando que cada um imaginasse uma cena com a profissão assinalada na ficha. 2) com elementos da própria sala (carteiras, cadeiras e os colegas), montou-se rapidamente a cena de cada um. 3) Pediu-se para falar do momento da escolha e de como eles situam conceitualmente emprego, trabalho e profissão. 4) Fez-se uma avaliação final.	Sim

Os participantes da pesquisa foram entrevistados em seu local de estudo.

Os participantes da escola privada foram entrevistados sempre em uma mesma sala de aula, sem interrupções durante a sessão, afastando-se as carteiras e formando-se uma roda, a fim de tornar a discussão mais descontraída e oferecer a todos a oportunidade de interação. Essa conformação também auxilia a colher os depoimentos no gravador, de modo mais eficaz. Sempre, no início de cada sessão, eu perguntava sobre a semana, e conversava com os participantes amenidades e assuntos corriqueiros antes de começar, e iniciava a sessão de entrevista perguntando sobre a reflexão da sessão anterior. Tal atitude servia para lembrar aos participantes de que os encontros faziam parte de um processo reflexivo sobre a profissão, o trabalho e o emprego, e que em cada encontro explorávamos um aspecto referente a este processo.

Na escola pública, os participantes tinham que se deslocar de sala, de acordo com as necessidades da escola, disponibilidade das salas e mesmo por causa de interrupções e ruídos externos. No entanto, o procedimento foi o mesmo, ou seja, os informantes ajudavam a afastar as carteiras e se dispunham em roda, com os mesmos objetivos do grupo da escola privada.

O grupo da escola particular e o da escola pública foram entrevistados em momentos distintos (o primeiro em Junho/Julho de 2002 e o segundo em Agosto/2002 respectivamente), por motivos de força maior, e o pesquisador se utilizou de anotações de diário de campo e das transcrições das sessões gravadas para reunir o material de análise desta dissertação.

4. Análise dos Resultados

4.1. preparação do material de análise.

Procedendo-se a coleta de dados através das entrevistas não diretivas, para a análise dos discursos colhidos na fase anterior, obedeci as seguintes etapas básicas:

- a. Transcrição do material das entrevistas e organização das anotações de diário de campo. Todos os comentários e falas, tanto as minhas, quanto as dos entrevistados, foram transcritas, digitadas e analisadas manualmente. Desta análise, uma segunda transcrição foi realizada, a fim de colher apenas as frases que tinham relação direta com o objeto desta dissertação.
- b. Leitura/escuta do material a fim de identificar por meio do discurso verbal dos sujeitos, os termos mais usados para abordar os objetos categorizados, os sentidos dados a estes pelos participantes da pesquisa e as relações estabelecidas entre os termos, e os termos e as práticas explicitadas, levando em conta as versões, por vezes contraditórias, que emergem do discurso, e a retórica, ou seja, a organização do discurso de modo a argumentar contra ou a favor de uma versão dos fatos;
- c. Categorização e tabulação das frases, dando um significado a cada uma delas, constituindo esta tarefa já numa interpretação inicial dos dados. A categorização foi feita cruzando-se numa tabela, as categorias de análise propostas (emprego, trabalho e profissão), com dimensões significativas do discurso, ou seja, a intenção e referência temática de cada frase, e escrevendo em cada célula o tipo de discurso ou frase que deu origem a

cada dimensão x categoria. As dimensões encontradas foram as seguintes (vide Quadros IV e V, na página):

- c.1. Identificação – toda frase que fizesse referência a características marcantes do indivíduo, que diante da tarefa a ser empreendida na profissão, pudessem ser aplicadas com êxito. A identificação pode ser compreendida portanto, como um reconhecimento de características pessoais que são requeridas no desempenho profissional e que sinalizariam êxito.
 - c.2. Ofício/execução – toda frase que fizesse referência aos atributos requeridos na tarefa empreendida pelo profissional
 - c.3. Relações de mercado de trabalho/recursos humanos – toda frase que referenciasse aspectos da relação de produção, de compra e venda de força de trabalho, produtos, bens e serviços.
 - c.4. Relação de conceitos – toda frase que pudesse estabelecer uma relação entre os conceitos de emprego, trabalho e profissão, tomando um deles como tema principal e o outro como tema comparativo.
 - c.5. Carreira – as frases que faziam referência a atividade profissional continuada, num mesmo local de trabalho ou em locais diversos.
 - c.6. Conjuntura – as frases que indicavam uma preocupação com as questões sócio-políticas que tinham conseqüência no mercado de trabalho/recursos humanos.
- d. Representação Gráfica dos discursos colhidos na entrevista. Este gráfico representa já uma interpretação inicial dos dados colhidos, na medida em que os gráficos são organizados a partir dos significados e intenções do discurso dos informantes. Spink (1998) considera "*as relações entre elementos cognitivos, as práticas e os investimentos afetivos*" (p.133).

Quadro IV. Comparativo dos Discursos Alusivos às Categorias de Análise - Escola Particular

Dimensões \ Categorias de análise	Profissão	Emprego	Trabalho
Identificação	<ul style="list-style-type: none"> no início da adolescência, foi assim, relacionado à profissão, foi quando eu comecei a pensar mais sério, sabe, comecei... as matérias na escola começaram a não ser aquelas básicas começou a ter, na quinta, dividiu história e geografia, e depois mais tarde química, física, foi quando comecei a pensar mais sério sobre profissão. Primeiro eu quis ser professora de história, eu me apaixonei por história, e depois na sexta por biologia, e agora as dúvidas sobre se eu quero isto realmente apareceram logo só agora que as matérias estão mudando tudo de novo, estão mais aprofundadas... Á quando eu apresentei sendo a advogada, acho que é uma coisa legal porque eu sempre falei demais sabe... sempre tive muito critério assim pra fazer as coisas, então acho que eu posso me dar bem no direito, acho que vai ser uma coisa legal também... E artes cênicas, minha mãe sempre falou que eu tinha jeito... ah!... eu gostei... de ser relações públicas, assim, de discutir, de fechar contrato... eu acho que me daria bem assim, apesar de eu ser meio assim, de na argumentação não ser muito boa, mas eu gostaria de fazer relações públicas, de ser relações internacionais... 		
Ofício , execução	<ul style="list-style-type: none"> Ah!... eu estou pensando bastante em fazer medicina mesmo... que é uma coisa que eu gosto, de mexer com o corpo humano, essas coisas... (quero ser publicitária...) pra vender um produto, pra conseguir persuadir as pessoas pra comprar... Primeiramente eu achei que eu... o que mais me chamou a atenção foi o nome, né... publicidade... mas acho que é uma coisa assim, gostosa, porque na verdade é um trabalho mais em grupo, né, que você faz... 		<ul style="list-style-type: none"> ... o que me impede é que me falaram que a vida do médico é muito cansativa, não para, não sossega, e eu tenho medo de me prender muito. Fora que tem que ser responsável pela vida de um monte de gente, não sei se dá conta sempre.
Relações de mercado	<ul style="list-style-type: none"> Eu penso que se eu escolher a profissão certa, eu vou provavelmente vou dar o melhor de mim, que vou estar dentro do padrão de qualquer empresa, qualquer serviço, uma pessoa competente, e o melhor possível, e é isso... eu não penso muito em mercado, essas coisas... Por exemplo, se eu pensar em advogado tem dois mil só na cidade de São Paulo, mas se eu for um advogado bom, nada me impede que eu seja bem sucedido... Eu acho que você tem que ir muito além. Não é só assim, querer trabalhar nessa área, você tem que mudar sua vida, você quer mudar a sua vida pra se adaptar com outro tipo de pessoa com outros tipos de lugares. 	<ul style="list-style-type: none"> é... é... ficar dependendo dos outros, ficar, sei lá... se os outros não estão felizes você não está feliz... por exemplo, se o país entra em crise... e eu não vou ter emprego, entendeu?... Sessão V. Pg. 2 Eu não sei... é difícil você achar um emprego num lugar que você realmente queira, que faça você não ter de mudar tanto a sua vida. Que a maioria dos empregos que eu vi aqui é longe, em outra cidade... <p>Acho que se você for um profissional qualificado, você consegue arrumar emprego.</p>	
Vinculação de conceitos	<ul style="list-style-type: none"> Por exemplo se a sua profissão é médico, daí o seu emprego é ser cirurgião e daí o trabalho é fazer operação na pessoa... Eu acho que a profissão, que é a sua carreira, você vai seguir, você vai desenvolver o emprego... ...e profissão você escolhe... é isso... 	<ul style="list-style-type: none"> O emprego está dentro da profissão ... 	<ul style="list-style-type: none"> ...e o trabalho está dentro do emprego... ...e trabalho pode ser qualquer coisa que você vai desenvolver fora da sua carreira, fora dos planos de ser médico é tudo o que você faz, um outro tipo de trabalho, ou até anteriormente, estágios, alguma coisa assim... ...eu acho que trabalho é o desempenho que você tem no seu emprego...
Carreira, seguimento	<ul style="list-style-type: none"> É uma área que eu acho super importante, mas eu posso até levar um jeito pra isso, que eu acho que eu tenho umas idéias boas, assim. Mas não é a área que eu quero seguir. 	<ul style="list-style-type: none"> A gente tem que começar lá de baixo... a gente tem que fazer mas tem que começar de baixo, não vai estar no top de linha 	<ul style="list-style-type: none"> É... se você aceitar o trabalho estão colocando aqui, tem que começar meio assim...

Quadro V. Comparativo dos Discursos Alusivos às Categorias de Análise - Escola Pública.

Dimensões	Categorias de análise	Profissão	Emprego	Trabalho
Identificação		<p>Quero fazer o curso de direito, quero fazer magistratura, quero ser juíza... Porque, assim, eu acho legal, e eu acho que tem muito juiz, mas muito juiz mesmo que agora, atualmente, faz muita çagada... E eu acho que tem muita coisa errada, que eles vão ou passando como um nada, ou eles encobrem as coisas, e eu sou uma pessoa, se é errado é errado, não importa...</p> <p>Eu quero ter uma profissão... quero me sair bem assim, ser uma profissional competente.</p> <p>A minha expectativa para o futuro é também ter uma profissão. Gostar dela, do que eu faço, dela, ganhar dinheiro, ajudar a minha família, retribuir o que eles fazem por mim... e a gente busca felicidade.</p> <p>No futuro, serei, talvez uma advogada, ou juiz, e lutarei pelo que eu acho justo e julgue importante</p> <p>Meu sonho de criança era ser secretária, professora, modelo, ficava brincando disso... hoje eu tenho vontade de me formar em publicidade e marketing...</p> <p>Eu queria ser um monte de coisa: professora, secretária, modelo... hoje de propaganda e publicidade ou alguma coisa relacionada a informática.</p> <p>Com relação a profissão, eu queria ser professora ou médica... Hoje eu quero fazer um curso técnico de enfermagem e depois uma faculdade</p>	<p>A minha expectativa para o futuro é conseguir arrumar um emprego, que hoje está muito difícil, me dar bem neste emprego, fazer o que eu gosto, né... eu tenho expectativa pro futuro, não só pra mim, pra todas as pessoas, eu gostaria que, assim... eu sei que o mundo não vai melhorar, mas eu gostaria que cada um fizesse um pouco de melhor, pelo menos no ambiente que a gente vive</p> <p>... arrumar um emprego, fazer uma coisa que eu goste bastante também, não precisa ganhar tanto dinheiro, eu acho que vale a pena passar a vida toda fazendo o que a gente gosta do que ganhar tanto dinheiro...</p> <p>Minha expectativa para o futuro é chegar o meu objetivo, fazer uma faculdade, e sempre aperfeiçoando o meu estudo, arrumar um emprego na área que eu pretendo, né?... na área de saúde.</p> <p>Há dez anos atrás, eu era divulgadora de uma grande multinacional. Eu ganhava bem mas não estava feliz, estava sozinha... hoje eu trabalho como cozinheira de um buffet e sou feliz, não pelo trabalho mas comigo mesma.</p>	<p>Minha expectativa é arrumar alguma coisa que eu goste, nos estudos e no trabalho.</p> <p>... como mulher eu estou muito realizada, né?... agora, como profissional, que eu tendo que desenvolver um trabalho que eu goste nesta área que eu falei, eu gosto muito de área social, né... por que eu acho assim, que se a gente tem amor pelas pessoas, se a gente se ama, a gente busca felicidade... a gente fala: eu quero ser feliz! Mas se a gente for atrás de ser feliz fica muito mais fácil, do que a gente esperar sentando esperando ser feliz...</p>
Ofício , execução				
Relações de mercado		<p>(no futuro, em relação a profissão eu pretendo estar trabalhando na área de publicidade, pretendo me empenhar na profissão que eu quero, e dar o melhor de mim pra eu poder ter um cargo melhor...</p> <p>Eu acho que se eu escolher direito, não me destacar assim, pra ter status mas acho que você tem que fazer o melhor pra se destacar entre as pessoas, pelo menos no ambiente em que você vive, no ciclo que você vai ter dentro de uma faculdade, mesmo na situação de trabalho... acho que você tem que fazer o máximo pra se destacar. Acho que todo profissional tem que ser assim na sua profissão, tem que fazer o melhor de si pra pessoas mesmo te notarem...</p>		
Vinculação de conceitos			<p>Emprego e trabalho não é a mesma coisa?</p> <p>Emprego é o que você procura, ...</p> <p>Eu ano que vem vou tentar uma faculdade, mas por exemplo, se eu não consiga entrar numa faculdade, então eu procuro um emprego pra depois estudar pra ter uma profissão.</p> <p>Tem que fazer um trabalho pra procurar um emprego naquela profissão...</p> <p>É que nem por exemplo, quando uma pessoa está em nível universitário, tem que arrumar um emprego pra manter despesas de alimentação, tipo que sai de uma cidade e vai estudar em outra, moradia, vale-transporte... Aquilo não é a profissão dela, mas você está fazendo aquilo até chegar ao ponto de formação, chegar ao ideal da profissão.</p> <p>Empregada doméstica não é a minha profissão; é meu emprego, até breve!!!</p>	<p>..trabalho é o que você tem ou vai ter..</p> <p>Trabalho é o que você trabalha pra evoluir, pra poder ganhar dinheiro pra fazer aquilo que você gosta...</p>
Carreira, seguimento		...e profissão é uma coisa que você escolhe para exercer o resto da sua vida		
Conjuntura			Igual muita gente que tem uma profissão, vamos supor... engenheiro, mas não consegue trabalho e exerce outro emprego....	Nem todo trabalho é o que você gosta, e nem toda profissão é a que você queria, porque está difícil emprego

De cada frase, é extraído um tema, representado por uma palavra, e a relação de sentido entre elas, a partir das três categorias de análise (emprego, trabalho e profissão), é assinalada através do símbolo . Considerando que houve dois momentos na coleta de dados, foram gerados também dois gráficos, que indicam interpretações conceituais diferenciadas dos dois grupos acerca dos temas que neles eram tratados. Os gráficos do grupo da escola particular e o da escola pública encontram-se nesta dissertação na página 47 e 58, respectivamente.

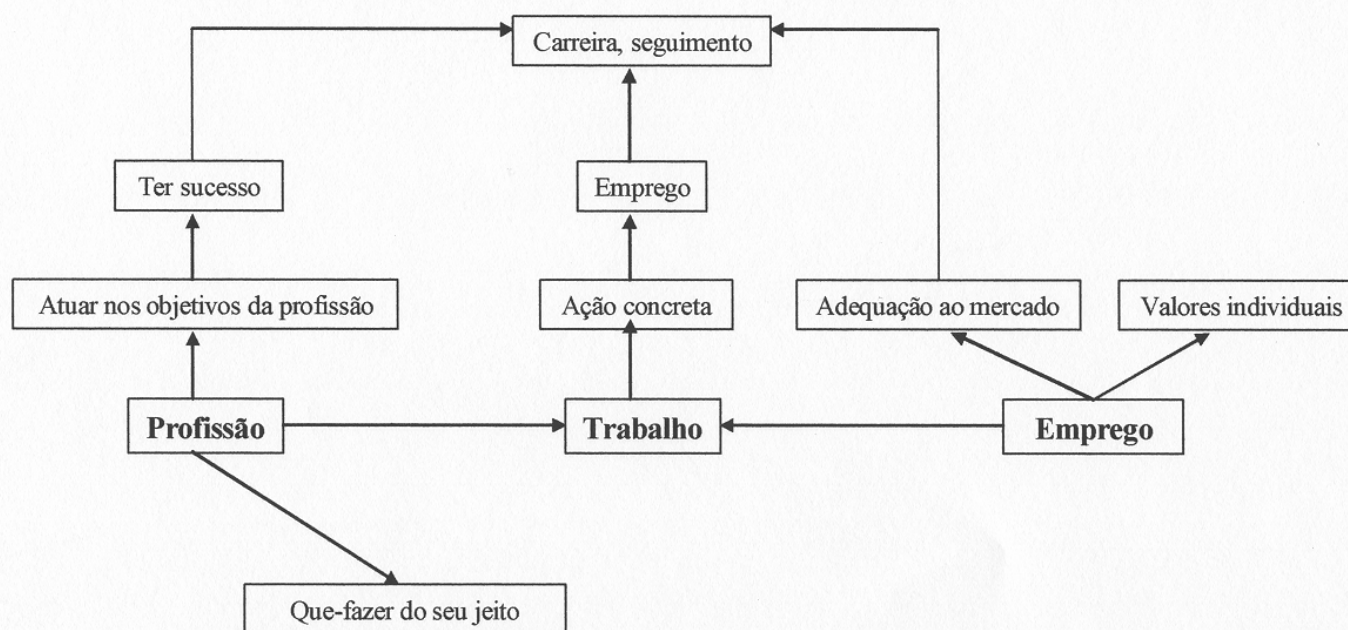
4.2. A descrição do gráfico.

Os gráficos estruturam-se a partir de três pontos de partida: Emprego, trabalho e profissão. Aqui serão apresentados segundo a ordem cronológica em que os dados foram colhidos. Posteriormente, algumas considerações mais gerais serão discutidas.

4.2.1. O grupo da escola particular.

O gráfico que representa os dados encontrados neste grupo estão na página 47. Para o grupo da escola particular, os aspectos mais pessoais estão envolvidos na escolha profissional. E é a partir da profissão que os participantes descrevem conceitualmente os outros dois eixos de análise, qual seja, emprego e trabalho. Isso revela uma concepção do mundo do trabalho centrada no indivíduo, e não nas relações que este produz. Um exemplo disso, pode ser demonstrado através dos depoimentos de Ca. Ca é estudante de uma escola particular da região de Campinas, e está com 17 anos agora. Na conversa a seguir, falávamos de uma atividade em que os

Gráfico 1. Seqüência dos discursos dos informantes da escola particular



participantes representaram determinadas profissões, previamente sorteadas, e Ca ficou com a Advocacia:

Ca: Gostei bastante... mas eu acho que eu vou ficar com medicina..

Coordenador: E quando você pensa em Medicina que objetivo que você quer alcançar?... Você quer ser médica para... ?

Ca: Eu não sei se é um objetivo, entendeu?... Eu quero fazer alguma coisa que eu gosto, e a medicina é uma coisa que eu gosto de mexer. Eu não sei se eu tenho um objetivo.... Eu não sei que eu quero assim... "ah! eu vou ajudar todo mundo!" "Ah! eu quero curar as pessoas"! Eu não penso nisso ainda... eu penso mais em mim, mesmo... na minha carreira... eu não quero fazer uma coisa somente pra ganhar dinheiro...eu quero fazer o que eu gosto. A biologia marinha que eu falei é uma das coisas que eu já pulei fora já, acho que vai ser como um hobby mesmo... e é isso...

(Ca, 17 anos, feminino, estudante de escola particular)

Em decorrência desta postura, ou melhor, de se assumir esta postura, na qual o sujeito procura identificar e defender seus interesses particulares, o trabalho é uma consequência natural - diante disso, só não tem trabalho quem não quer. É também desta maneira que se forma a identidade profissional. Para este grupo, de modo mais geral, a profissão tem a ver com o estilo, o "jeito" de cada um, e uma vez dominado o elenco de atividades próprias da profissão, tudo cursa para que o indivíduo tenha sucesso:

Ca: Ah!... eu estou pensando bastante em fazer medicina mesmo... que é uma coisa que eu gosto, de mexer com o corpo

humano, essas coisas... o que me impede é que me falaram que a vida do médico é muito cansativa, não para, não sossega, e eu tenho medo de me prender muito. Fora que tem que ser responsável pela vida de um monte de gente, não sei se dá conta sempre. Tem sempre que estar de bem com a vida pra poder ajudar quem está precisando, então eu não sei, mas eu penso bastante em fazer isso... Aí quando eu apresentei sendo a advogada, acho que é uma coisa legal porque eu sempre falei demais sabe... sempre tive muito critério assim pra fazer as coisas, então acho que eu posso me dar bem no direito, acho que vai ser uma coisa legal também... E artes cênicas, minha mãe sempre falou que eu tinha jeito...

(Ca, feminino, estudante de escola particular, 17 anos)

Outro exemplo é o de Ka, também de 17 anos:

Ka: ah!... eu gostei... de ser relações públicas, assim, de discutir, de fechar contrato... eu acho que me daria bem assim, apesar de eu ser meio assim, de na argumentação não ser muito boa, mas eu gostaria de fazer relações públicas, de ser relações internacionais....

Coordenador: Relações internacionais...

Ka: Ou relações públicas...

Coordenador: E o que que você pensa, quando você fala pra mim "eu penso em ser isso..."?... Você quer fazer isso pra quê?...

Ka: Por que eu... é o que eu representei e que eu gostei... assim... tipo, de fechar contrato, esses negócios. Acho que é o meu jeito, tipo.... sei lá, de explicar...

Coordenador: Você acha que está mais perto do seu jeito de ser?

Ka: é... isso...

(Ka, 17 anos, feminino, estudante de escola particular)

Atuar com os recursos internos já disponíveis, significa, conforme o gráfico, atuar dentro dos objetivos da profissão. Para os adolescentes deste grupo, isto resulta em ter sucesso e, por sua vez, seguir uma carreira. Por isso, preocupam-se tanto em escolher bem o que seguir, sobretudo levando em consideração suas idiossincrasias:

Coordenador: E vocês estão pensando no curso que vocês estão querendo escolher dentro desta perspectiva? Por exemplo, ele falou que a profissão é algo que eu escolhi, e aí o emprego vai estar dentro da profissão que eu escolhi e o trabalho é aquilo que eu executo na profissão?... que eu escolhi o emprego que eu achei?

T: eu pelo menos penso assim...

Coordenador: Assim, como?

T: Eu penso que se eu escolher a profissão certa, eu vou provavelmente vou dar o melhor de mim, que vou estar dentro do padrão de qualquer empresa, qualquer serviço, uma pessoa competente, e o melhor possível, e é isso... eu não penso muito em mercado, essas coisas... Por exemplo, se eu pensar em advogado tem dois mil só na cidade de São Paulo, mas se eu for um advogado bom, nada me impede que eu seja bem sucedido...

Coordenador: Está OK...

(T, 16 anos, masculino, estudante de escola particular)

Esta participação ativa do sujeito na sua inserção no mercado de trabalho, esse foco sobre o indivíduo responsável pelo seu destino, implica também numa relação diferenciada quanto ao emprego. Porque se o sujeito tem o controle máximo sobre as características que lhes são particulares, pouco resta de influência do ambiente sobre ele, incluindo nisso as forças sócio-políticas que permeiam a inserção do jovem no mercado de trabalho. As condições pessoais são uma combinação de valores individuais, com uma certa condescendência com as exigências do mercado. Um bom equilíbrio entre as duas, e teremos como resultado uma carreira promissora. Observemos a fala a seguir:

Ca: Eu não sei... é difícil você achar um emprego num lugar que você realmente queira, que faça você não ter de mudar tanto a sua vida. Que a maioria dos empregos que eu vi aqui é longe, em outra cidade...

Coordenador: *É que esse jornal é de São Paulo.*

Ca: é lógico... eu acho que você tem que ir muito além. Não é só assim, querer trabalhar nessa área, você tem que mudar sua vida, você quer mudar a sua vida pra se adaptar com outro tipo de pessoa com outros tipos de lugares

Coordenador: *E você está disposta a pagar este preço?*

Ca: Eu acho que sim, por que é uma profissão que eu vou exercer a minha vida inteira, então eu tenho que fazer alguma coisa que eu goste...

Ca: Acho que se você for um profissional qualificado, você consegue arrumar emprego.

(Ca, 17 anos, feminino, estudante de escola particular)

Se no entanto, o trabalho é fortemente influenciado por fatores alheios ao sujeito, então é considerado ou uma ação temporária, que não significa **emprego**, ou uma ação permanente, que resulta num emprego e conseqüentemente numa **carreira**, quando o emprego refere-se à profissão. Alguns depoimentos são bastante reveladores deste aspecto:

G: O emprego está dentro da profissão e o trabalho está dentro do emprego...

Coordenador: E os demais?... concordam... discordam?...

G: Não... assim.. Por exemplo se a sua profissão é médico, daí o seu emprego é ser cirurgião e daí o trabalho é fazer operação na pessoa..

Coordenador: Ah.. entendi...

(G, 17 anos, masculino, estudante de escola particular)

Ca: Eu acho que a profissão, que é a sua carreira, você vai seguir, você vai desenvolver o emprego, e trabalho pode ser qualquer coisa que você vai desenvolver fora da sua carreira, fora dos planos de ser médico é tudo o que você faz, um outro tipo de trabalho, ou até anteriormente, estágios, alguma coisa assim...

(Ca, 17 anos, feminino, estudante de escola particular)

Um outro aspecto que gostaria de comentar são as fantasias decorrentes da falta de informação, percebida por meio do discurso dos informantes. Tais fantasias, possivelmente, é o principal recurso utilizado pelos informantes para elaborar uma identidade profissional, e como fantasias, revelam alguns princípios da ideologia neoliberal incorporados

aos modos de construção desta identidade. O princípio da competência, conforme já revelado pelas palavras de Ca, segundo o qual "*se você for um profissional qualificado, você arruma emprego*". O princípio do livre-arbítrio pelo qual "*se eu escolher a profissão certa (...) vou estar dentro do padrão de qualquer empresa*" (T, 16 anos, masculino, estudante de escola particular).

Desinformação sobre a profissão também é facilmente constatável, como no caso de J:

Coordenador: Certo... grande J...

J: Ah... sei lá... eu não achei assim muito publicitário, mesmo porque eu achei aqui mais em vendas...

Coordenador: Ligadas a publicidade?...

J: É... achei muito operadora de marketing...

Coordenador: operadora de marketing?...

J: é... isso eu achei bastante.

Coordenador: Operadora de marketing é um cargo em nível de segundo grau... Operadora de telemarketing, é como chama o cargo. Você já recebeu na sua casa um telefonema assim: "Boa tarde, eu sou da companhia tal, de número tal.."

Ca: A telesp celular vive fazendo isso..

Coordenador: É... a telesp vive fazendo isso, outras empresas que fazem muito isso são as ONG's, por exemplo... "diga alô para a LBV, ajude-nos, e você estará contribuindo para fazer uma criança

feliz”... isso é operadora de telemarketing. Venda por telefone... era o que você esperava...

J: Não...

Ca: imagina ter que fazer isso.

Coordenador: O que você faria não encontrando a publicidade e encontrando a operadora de telemarketing?

J: não ia ser uma coisa que ia me agradar muito mas sei lá...

(J, 16 anos, feminino, estudante de escola particular).

O que pudemos notar é que a falta de informações mais precisas sobre as profissões disponíveis nas faculdades, somado à cultura individualista impregnada no nosso jeito ser brasileiro, conduz a um comportamento auto-centrado, personalista, que leva preliminarmente em consideração as necessidades do sujeito, em detrimento do contexto e das necessidades sociais. Para uma análise mais completa, resta-nos comentar o gráfico que apresenta as relações de trabalho, emprego e profissão da escola pública.

4.2.2. O grupo da escola pública

O segundo grupo tem como característica marcante a passionalidade e a pessoalidade no trato com os temas. O grupo reagiu de forma coesa e constante, e houve neste grupo uma preocupação maior com o emprego. Acredito que o nível sócio-econômico mais baixo, a homogeneidade de características - são todas do sexo feminino e todas com histórias de vida mais ou menos coincidentes - contribuíram para que este grupo fosse mais "afetivo" e preocupado com questões de natureza social.

Assim, a profissão está relacionada a três aspectos: características da tarefa que os informantes gostam, facilidade de execução destas (competência), e utilidade (a possibilidade de ajudar alguém da família ou as outras pessoas), conforme se observa na página 57:

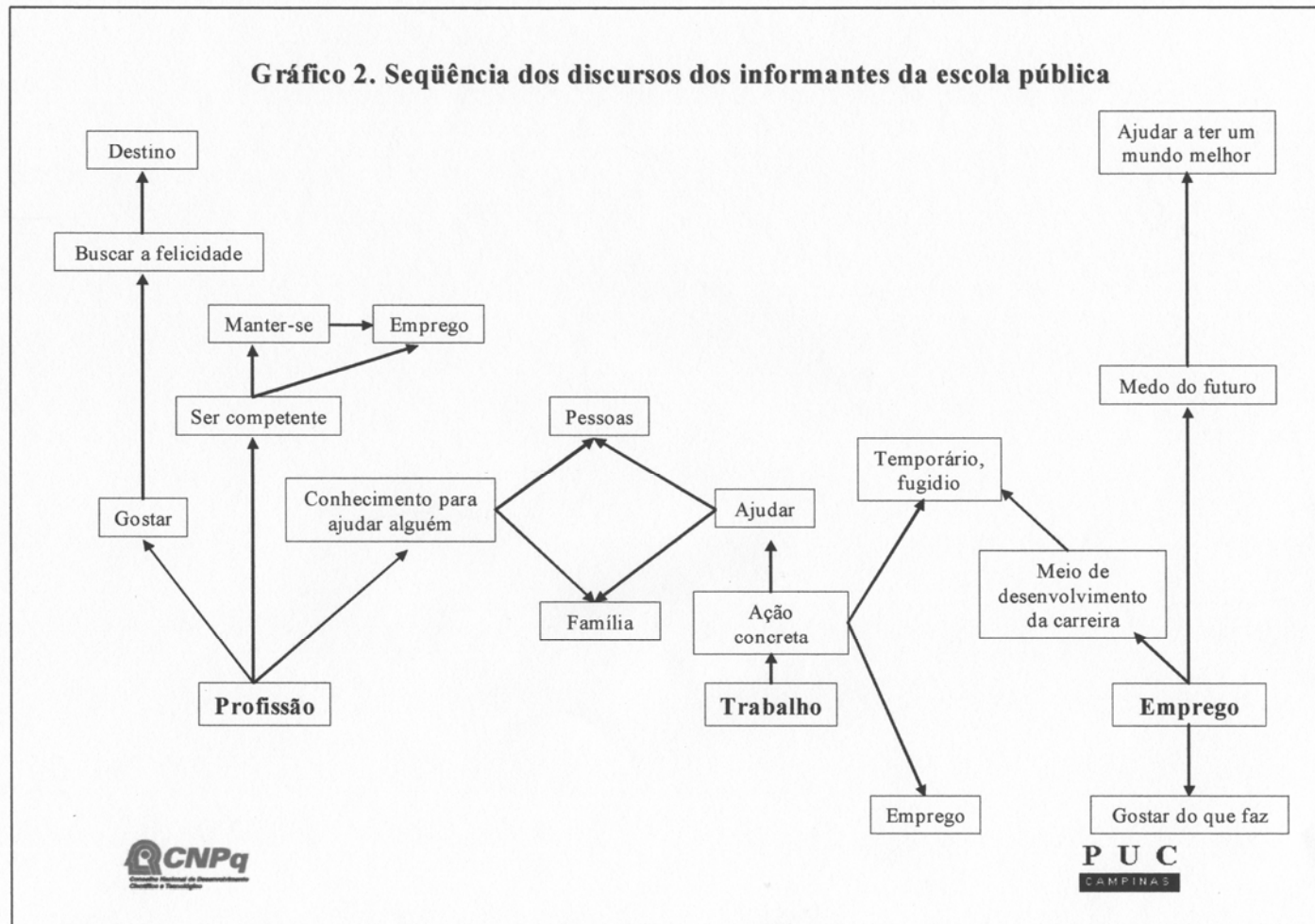
D: A minha expectativa para o futuro é também ter uma profissão. Gostar dela, do que eu faço, dela, ganhar dinheiro, ajudar a minha família, retribuir o que eles fazem por mim... e a gente busca felicidade.

(D., 17 anos, feminino, estudante de escola pública)

S: A minha expectativa para o futuro é conseguir arrumar um emprego, que hoje está muito difícil, me dar bem neste emprego, fazer o que eu gosto, né... eu tenho expectativa pro futuro, não só pra mim, pra todas as pessoas, eu gostaria que, assim... eu sei que o mundo não vai melhorar, mas eu gostaria que cada um fizesse um pouco de melhor, pelo menos no ambiente que a gente vive

(S., 19 anos, feminino, estudante de escola pública)

Gráfico 2. Seqüência dos discursos dos informantes da escola pública



Esses são alguns exemplos de como a questão da profissão chega, sempre misturada aos conceitos de emprego e trabalho. A profissão é um modo de expressão dos próprios desejos e necessidades. Concomitantemente, é uma atividade que projeta o sujeito em seu meio social, devendo garantir tanto a remuneração necessária para se ter qualidade de vida, quanto cumprir uma função social, auxiliando na qualidade de vida de outras pessoas. Se a profissão consegue aliar uma remuneração satisfatória com uma intervenção transformadora da realidade social, ela possibilita um engajamento profissional que resulta em satisfação, ou, nas palavras dos informantes, "em ser feliz"!:

A:... como mulher eu estou muito realizada, né?... agora, como profissional, que eu tendo que desenvolver um trabalho que eu goste nesta área que eu falei, eu gosto muito de área social, né... por que eu acho assim, que se a gente tem amor pelas pessoas, se a gente se ama, a gente busca felicidade... a gente fala: eu quero ser feliz! Mas se a gente for atrás de ser feliz, fica muito mais fácil, do que a gente esperar sentando esperando ser feliz...

(A., 26 anos, feminino, estudante de escola pública)

Novamente aqui aparece a questão da competência. Uma remuneração satisfatória só é possível quando você tem um diferencial no mercado de trabalho, quando você é bom naquilo que faz, quando você se aprimora constantemente:

T: no futuro, em relação a profissão eu pretendo estar trabalhando na área de publicidade, pretendo me empenhar na

profissão que eu quero, e dar o melhor de mim pra eu poder ter um cargo melhor...

(T., 17 anos, feminino, estudante de escola pública)

A: *Eu acho que se eu escolher Direito, não me destacar, assim, pra ter status, mas acho que você tem que fazer o melhor pra se destacar entre as pessoas, pelo menos no ambiente em que você vive, no ciclo que você vai ter dentro de uma faculdade, mesmo na situação de trabalho... acho que você tem que fazer o máximo pra se destacar. Acho que todo profissional tem que ser assim na sua profissão, tem que fazer o melhor de si pras pessoas mesmo te notarem...*

(A., 26 anos, feminino, estudante de escola pública)

Um atributo importante do trabalho, na opinião destes informantes, é o fato de que o trabalho é uma ação concreta, seja no exercício profissional, seja fora dele - posto que nem todo trabalho caracteriza uma profissão, mas toda profissão tem um trabalho (ação concreta) a ser feito:

S: trabalho é o que você trabalha pra evoluir, pra poder ganhar dinheiro pra fazer aquilo que você gosta...

S: Tem que fazer um trabalho pra procurar um emprego naquela profissão...

(S., 19 anos, feminino, estudante de escola pública)

V: É que nem por exemplo, quando uma pessoa está em nível universitário, tem que arrumar um emprego pra manter despesas de

alimentação, tipo que sai de uma cidade e vai estudar em outra, moradia, vale-transporte... Aquilo não é a profissão dela, mas você está fazendo aquilo até chegar ao ponto de formação, chegar ao ideal da profissão.

V: Empregada doméstica não é a minha profissão; é meu emprego, até breve!!!

(V., 24 anos, feminino, estudante de escola pública)

Se o trabalho se torna uma atividade capaz de ajudar as pessoas, de prover a família, e de satisfazer as principais necessidades do sujeito ela é uma profissão, e dela advém a possibilidade de carreira. Se ela é provisória e fugidia, é um emprego, um "mal necessário" para que ela obtenha os recursos exigidos para escolher uma atividade que cumpra estes objetivos :

S: Eu, ano que vem, vou tentar uma faculdade, mas por exemplo, se eu não consiga entrar numa faculdade, então eu procuro um emprego, pra depois estudar pra ter uma profissão.

(S., 19 anos, feminino, estudante de escola pública)

Penso que o emprego é um tema recorrente das preocupações destas jovens, e isso foi externado por elas. Quando eu perguntei sobre a expectativa de futuro, estas foram algumas das respostas:

G: eu quero ter uma profissão.... quero me sair bem assim, ser uma profissional competente.

(G., 17 anos, feminino, estudante de escola pública)

D: A minha expectativa para o futuro é também ter uma profissão. Gostar dela, do que eu faço, dela, ganhar dinheiro, ajudar a minha família, retribuir o que eles fazem por mim... e a gente busca felicidade.

(D., 16 anos, feminino, estudante de escola pública)

G: Minha expectativa para o futuro é chegar o meu objetivo, fazer uma faculdade, e sempre aperfeiçoando o meu estudo, arrumar um emprego na área que eu pretendo, né?... na área de saúde.

(G., 17 anos, feminino, estudante de escola pública)

P:... arrumar um emprego, fazer uma coisa que eu goste bastante também, não precisa ganhar tanto dinheiro, eu acho que vale a pena passar a vida toda fazendo o que a gente gosta do que ganhar tanto dinheiro...

(P., 19 anos, feminino, estudante de escola pública)

S: A minha expectativa para o futuro é conseguir arrumar um emprego, que hoje está muito difícil, me dar bem neste emprego, fazer o que eu gosto, né... eu tenho expectativa pro futuro, não só pra mim, pra todas as pessoas, eu gostaria que, assim... eu sei que o mundo não vai melhorar, mas eu gostaria que cada um fizesse um pouco de melhor, pelo menos no ambiente que a gente vive.

(S., 19 anos, feminino, estudante de escola pública)

A escolha profissional é pautada sobre critérios tanto práticos - demanda do mercado deste ou daquele tipo de profissional, desta ou

daquela carreira - quanto individualistas, implicando na idéia de esforço, de formação, de responsabilidade sobre a própria carreira. Por isso, profissão você escolhe:

S: Emprego é o que você procura, trabalho é o que você tem ou vai ter, e profissão é uma coisa que você escolhe para exercer o resto da sua vida.

(S., 19 anos, feminino, estudante de escola pública)

Todos os sentidos guardam em si fantasias de dias melhores para eles e para o país. Estes sentidos são uma expressão do ideal de sociedade que são transmitidos nas relações sociais diversas que eles participam. São, enfim, valores que estão imbricados no modo de ser e agir destas jovens, e que, nesta leitura, procuramos desvelar.

5. Discussão

De modo geral, tanto no primeiro quanto no segundo grupo o conceito de trabalho estrutura os demais conceitos (emprego e profissão). Também é assim para os teóricos que estudam o tema, e isso pode ser observado pelo número de trabalhos dedicados a estudar o Trabalho, o Emprego e a Profissão, tendo o Trabalho uma numerosa lista de dissertações descrevendo-o. Todavia, estão subentendidos valores sociais agregados a eles e é isso os diferencia, para os informantes. Muito embora a literatura trate, via de regra, do emprego como a aplicação remunerada do trabalho, ou venda da força de trabalho, e a profissão como um trabalho que exija maior qualificação, ou conhecimento específico da atividade, para os informantes a profissão implica num certo prestígio, enquanto o trabalho e o emprego, não necessariamente. Uma atividade como, por exemplo a de marceneiro, que exige conhecimento específico do trabalho, sem que haja necessariamente formação graduada para tal, pode não ser uma profissão - mas ser, necessariamente, um trabalho.

Um emprego é um trabalho. Mas este trabalho não caracteriza, necessariamente, uma profissão, sobretudo se este trabalho tem um prestígio menor - ainda que a pessoa trabalhe nele a vida inteira. Uma profissão, todavia, informa um aspecto da identidade do sujeito. Grosso modo, podemos dizer que ele *é* aquilo que ele *faz*. E se ele *faz* algo de menor prestígio, ele *tem* menos prestígio na comunidade de que participa.

Daí a busca de uma escolha profissional. A escolha implica em seguir o caminho inverso, ou seja, *fazer* aquilo que se *é*. Por isso, mergulhar nas características, habilidades, dons, aquilo que diferencia um sujeito de outro, que o identifica, que o torna singular. Uma vez

reconhecidos estes atributos, uma vez entendido o que eu *sou*, eu posso escolher a profissão em que esses recursos são mais exigidos, eu posso escolher o que eu *faço*.

Diversos autores tem advertido para uma mudança conceitual sobre emprego, profissão, e carreira (Minarelli, 1999; Rifkin, 1995; Bridges, 1994). Há dois aspectos a serem considerados, diante disso. O primeiro é a representação que as pessoas vem tendo de emprego, trabalho e profissão, e essa foi uma tarefa a ser cumprida nesta dissertação. O segundo aspecto é o que efetivamente os estudiosos do mundo do trabalho tem considerado a este respeito, e a revisão temática procurou abordar um pouco do que existe nesta área. O que pudemos observar é uma contradição entre o que o mercado de trabalho exige do profissional, e o que o profissional espera do mercado.

Se tomarmos as definições de Minarelli (1999) como um exemplo das relações atuais de trabalho, vamos encontrar o que ele mesmo chama de *impasse*, ou seja, o mundo do trabalho mudou, e as exigências do mercado são outras. Todavia, a mentalidade sobre as relações de trabalho continua conservada na idéia de emprego estável, segurança profissional, e processo de trabalho estandarizado. Em função disso, o autor define a idéia de empregabilidade. Por empregabilidade, o autor entende "*a capacidade de prestar serviços e de obter trabalho*" (p. 21).

Podemos considerar o seguinte: o trabalho é *aquilo que deve ser feito*. O emprego é *onde* o trabalho(*aquilo que deve ser feito*) *deve ser feito*. A profissão é o status de *quem faz* o trabalho (*aquilo que deve ser feito*). Quem determina o trabalho não é o profissional, mas aquele que demanda o trabalho, o capitalista. De outro modo, poderíamos dizer que quem determina *o que deve ser feito* não é *quem faz*, mas *quem manda*

fazer. Aquele a quem nos referimos como capitalista, diante do que Kilimnik (1998) denominou de Terceira Revolução Industrial², se vê diante do fato de que o trabalho (*aquilo que deve ser feito*) precisa cada vez menos do profissional (*quem faz*), e portanto desaparece cada vez mais o emprego (*onde é feito*).

A consequência imediata desta premissa é a de que o mundo corporativo é cada vez mais competitivo. Se o Estado intervém pouco nas relações econômicas que se estabelecem, se a política adotada é uma política de mercado, o cidadão tem cada vez menos oportunidade de tornar-se "competitivo", haja visto que a distribuição de renda só se faz por meio do Estado, através de uma rede de proteção social: qualidade nas condições da saúde, da educação, da moradia, saneamento básico, da previdência social, da aposentaria, e outras funções previstas em lei. E quanto menos distribuição de renda o país produz, menos o cidadão se habilita ao jogo do mercado.

Ainda assim, como psicólogos, se insistimos em orientar profissionalmente no sentido de reforçar as características do indivíduo e de considerar a conjuntura sócio-política em que o orientando faz a escolha apenas contingências do processo de escolha, tendemos a reforçar um paradoxo; de um lado as exigências do mercado, do outro as fantasias e os sonhos do sujeito. Esta é, também, uma opção política e não apenas uma diretriz técnica da orientação profissional. De fato, são várias as posturas assumidas pelos profissionais, e como resultado, várias formas de fazer a

² Kilimnik (1998) definiu a terceira revolução industrial como uma economia globalizada onde a comunicação se faz mais rápida, onde a tecnologia tende a renovar processos de trabalho e prescindir cada vez menos do trabalho humano, e onde o Estado intervém menos na economia, cumprindo um papel apenas de procurador dos grandes capitais, negociando grandes blocos comerciais de livre comércio.

orientação profissional. Bock (1995) fez uma breve revisão sobre as teorias de orientação profissional, deixando claro como que estas teorias tiveram influência do seu contexto sócio-histórico. Dividiu-as do seguinte modo, dentre as teorias psicológicas:

a) teorias tradicionais (liberais) - São chamadas assim todas as teorias que consideram a escolha profissional sobre a ótica do indivíduo. Baseiam-se portanto nas idéias do liberalismo econômico de liberdade (de escolha, igualdade (de oportunidades), e fraternidade (sobre as decisões e funções na cena social). Na sua revisão, cita quatro abordagens de teorias psicológicas dentro desta perspectiva liberal: as psicodinâmicas, as de traço-fator, as desenvolvimentistas e as teorias decisórias.

b) teorias críticas - Na contra-corrente das teorias liberais, as teorias críticas consideram a estrutura social, e o lugar que ocupam as instituições que prestam serviços educacionais. Enquanto reprodutora das relações de produção, a escola não oferece realmente igualdade de oportunidades, e as condições do mercado não favorece uma livre escolha. A própria estrutura do trabalho não permite que a escolha seja uma livre escolha, já que ele se configura numa relação mediada pelo capital, que é quem dita as necessidades do mercado.

De fato, é difícil ignorar que vivemos uma nova ordem social e econômica, que vem mudando a passos largos o conceito de trabalho e, como já referenciada nesta dissertação, a globalização modifica as formas de relacionamento humano, e por ele, as formas de relacionamento com a produção de bens e serviços. Aqui interessa-nos o impacto que tem essa transformação econômica no dia-a-dia das pessoas. Blass (1997) observa que essas mudanças e as crises por que passa o mundo do trabalho, tem tido um impacto na subjetividade e identidade do trabalhador. A

racionalidade e organização do trabalho, visando minimizar o fator humano, considerado vulnerável ao erro e a produtividade, tende a levar o trabalho, enquanto categoria fundamental de identidade no cotidiano das pessoas, um mero capricho, um assunto, nas palavras da autora "*entre outros*" (Blass, 1997, p. 152).

A realidade social que se nos impõe é dramática, e os índices de desemprego tem demonstrado isso. Diante do quadro que se apresenta, o profissional poderia ter um papel esclarecedor também das relações de produção fazendo uma opção pelo social e não pelo individual.

6. Conclusão e encaminhamentos.

Pudemos concluir com base nos achados, que os jovens crêem que trabalho, emprego e profissão têm funções parecidas na vida do sujeito e não têm clareza sobre a diferenciação destes. Todavia, a profissão está ligada a um estilo de vida, portanto próximo do sujeito, enquanto que trabalho e emprego estão ligados às questões mais conjunturais (oferta de emprego/trabalho, condições de execução, etc.). De certo modo, diferenciam trabalho como a ação concreta, seja no emprego, seja na profissão. Também classificam os conceitos segundo um status que tem cada categoria. Assim, se o trabalho tem um maior status é uma profissão; se tem menor status é um emprego; e ainda, se o trabalho é menos qualificado ainda, e é temporário, não é nem emprego, nem profissão.

Concluimos também que os jovens têm feito suas escolhas usando informações imprecisas sobre a carreira que desejam seguir. Resta-lhes mesmo escolher usando suas fantasias de profissão, e só no exercício profissional, construir uma imagem de profissão baseada na realidade.

Todavia, nossas conclusões são provisórias, nossos achados são limitados, e nossa contribuição ao estudo das representações sociais é modesta. As razões para tal observação referem-se tanto ao método de coleta e análise, quanto ao número de pessoas utilizadas nesta pesquisa, ao contexto específico em que vivem tais colaboradores, só para citar algumas variáveis intervenientes. Ainda assim, espero ter trazido alguma luz ao estudo do tema. Mesmo por que a vida de um pesquisador não se pauta por uma pesquisa ou duas, mas por uma trajetória, por seguir o seu objeto de estudo, como uma missão a ser cumprida. O mundo do trabalho me fascina. O mundo da Educação também. O destino próprio deste trabalho é que

tenha prosseguimento no doutorado, constatando como que os jovens, a partir das construções que fizeram da profissão, baseadas na fantasia, vão migrando para construções baseadas na realidade, ao longo da formação, e do egresso da faculdade.

Os achados desta dissertação serão comunicados aos informantes, e às instituições que cederam o seu espaço para que eu pudesse trabalhar.

Desta dissertação também deverá sair um artigo, a fim de cumprir com a função de um trabalho científico: buscar um dado, analisá-lo, e compartilhá-lo com a comunidade científica como contribuição para a construção de um corpo de conhecimentos teóricos factíveis.

7. Referências.

- Amaral, C. C. G. (1997). *Relações familiares, adolescência, gênero e representações sociais de adolescentes*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
- Baumann, R. (1996). "Uma visão econômica da globalização" in: Baumann, R. (org) *O Brasil e a economia global*. Rio de Janeiro: editora campus, pp. 33-51.
- Bertho, A . M. M. (1991). *Os piratas e os cangaceiros: um estudo sobre representação social no movimento independente de literatura no nordeste na década de 80*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia, Ciências Humanas.
- Bock, A. M. B. (1994). "Eu, caçador de mim: pensando a profissão de psicólogo." In: Spink, M. J. (Org.), *O conhecimento no cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, pp. 280-291.
- Blass, L. M. S. (1998). Trabalho e suas metamorfoses in: Ianni, O., Dowbor, L. & Resende, P. A. *Desafios da Globalização*, Petrópolis: Vozes.
- Bridges, W. (1998). *Um mundo sem empregos*. SP: makron books
- Carvalho, M.M. M. J. (1995). *Orientação Profissional em Grupo*. SP: Editorial Psy II
- Carvalho, R.A. (1994) "Saúde mental e trabalho: um novo (velho) campo para a questão da subjetividade". In: Codo, W. & Sampaio, J.J.C. *Sofrimento psíquico nas organizações: saúde mental e trabalho*. Petrópolis: Vozes, pp. 58-64.
- Cavenaghi, D. M. & Minini, V. C. M. (2000). Evasão Escolar: um estudo exploratório das representações de professores. *Anais do Congresso*

- Nacional de Psicologia Escolar e Educacional (V CONPE): Psicologia escolar e educacional: tendências para o século XXI*. Itajaí: Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) , Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), p. 112.
- Corsini, C. F. (1998). *Dificuldade de aprendizagem: um estudo exploratório acerca das representações sociais de professores e alunos*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Corsini, C.F. (2000). Dificuldade de aprendizagem: representações sociais de professores e alunos. *Anais do Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional (V CONPE): Psicologia escolar e educacional: tendências para o século XXI*. Itajaí: Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) , Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), p. 287.
- Dejours, C. (1993). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. Trad. Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. São Paulo: Cortez/Oboré, 5ª edição.
- Dittrich, A. (1999). "Psicologia organizacional e globalização: os desafios da reestruturação produtiva. Psicologia". *Ciência e profissão*, 19(1), p.50-66.
- Domingues, J. M. (2001). *Modernidade, complexidade e articulação mista*, 44(2), versão on line.
- Dowbor, L. (1998). "Globalização e tendências institucionais" in: Ianni, O., Dowbor, L. & Resende, P. A. *Desafios da Globalização*, Petrópolis: Vozes.
- Duarte, M. M. (1998). *A escola como espaço simbólico das representações sociais; o cultural, o político e o social em uma escola pública de Belém*

- do Pará*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Estramiana, J. L. A. (1998) *Desempleo y Bienestar Psicológico*. México: Siglo Vinteuno
- Farr, R. M. (1998). *As raízes da psicologia social moderna*. Petropolis: Vozes.
- Figueiredo, L. A . V. de. (2000). *O meio ambiente prejudicou a gente... políticas públicas e representação sociais de preservação e desenvolvimento: desvelando a pedagogia no vale do Ribeira (Iporanga / SP)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
- Guzzo, R. S. L. (2000). Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: desafios do novo milênio para a psicologia escolar. *Anais do VIII Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico*. Serra Negra/SP: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP) pp. 52-53.
- Heider, F. (1970). *Psicologia das relações interpessoais*. São Paulo: Pioneira/Edusp.
- Ianni, O. (1998). "A política mudou de lugar" in: Ianni, O., Dowbor, L. & Resende, P. A. *Desafios da Globalização*, Petrópolis: Vozes.
- Ianni, O. (1999). *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Jovchelovitch, S. "Vivendo a vida com os outros; intersubjetividade, espaço público e representações sociais" in Guareschi, P. *Textos em Representação Social*. Petrópolis: Vozes.

- Kilimnik, Z. M. (1998). Trabalhar em Tempos de "fim dos empregos": mudanças na trajetória de carreira de profissionais de recursos humanos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 18(2), 34-45
- Leão, M. S. M. (1996). *Qualidade da educação: as representações sociais dos professores*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.
- Magalhães, L. V. (1998). *A dor da gente: representações sociais sobre lesões por esforços repetitivos*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas.
- Martins, R.C. (1997). "O idoso e seu cotidiano no imaginário feminino de meia idade; um estudo em representações sociais". *Estudos de Psicologia*, Vol 14, nº 3, pp. 39-47.
- Mancebo, Deise (1999). "Indivíduo e Psicologia: Gênese e Desenvolvimentos Atuais" in: Jacó-Vilela, A. M. e Mancebo, D. (org). *Psicologia Social: abordagens Sócio-históricas e desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- McLuhan, M. e Powers, B. R. (1989). *The global village: (transformation in world life and midia in the 21th century)*. NY: Oxford University Press
- Minarelli, J. A. (1999). *Empregabilidade: como ter trabalho e remuneração sempre*. SP: Editora Gente
- Moura, P. C. (1998) *A crise do emprego: uma visão além da economia*. 3a. edição. SP: Mauad.
- Nascimento, E. P. "Globalização e exclusão social: fenômenos de uma nova crise da modernidade?". in: Ianni, O., Dowbor, L. & Resende, P. A. *Desafios da Globalização*, Petrópolis: Vozes.

- Oliveira, P. C. (1997). *Um estudo sobre o discurso da prática pedagógica em geometria: representações sociais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
- Pereira, H. O . S. (1999). *Formação de professores e sucesso/fracasso dos alunos: representação de alfabetizadores*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Pochmann, M. (1999) *O emprego na Globalização: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu*. SP: Boitempo editorial
- Rosado, E. M. S. & Andrade, D. (1998). Adolescentes de 1º grau e AIDS: estudo de representações enfocando prevenção. *Estudos de Psicologia*, Vol 15, nº 1, pp. 3-26.
- Rosado, E. M. S. & Mateus, R. C. (1999). Representações de alunos sobre computador e uso de Logo em contexto de aprendizagem. *Resumos de comunicações científicas. XXIX Reunião Anual*. Ribeirão Preto, SP: Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), p. 152.
- Rosas, Paulo (1977). *Vocação e Profissão*. Petrópolis: Vozes
- Ruiz, E. M. (1999). Trabalho, Juventude e Educação: (re)pensando a interrelação escola-trabalho na produção da subjetividade. In: Sampaio, J.J.C., Ruiz, E. M., Borsoi, I.C.(1999). *Trabalho, Saúde e Subjetividade*. Ceará: Inesp/Educece
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto em representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Sá, C. P. (1994). "Representações sociais; o conceito e o estado atual da teoria". In: Spink, M. J. (Org.), *O conhecimento no cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, pp. 19-45.

- Santos, C. S. G. ; Andrade, F. C. B.; Lima, J. L. S. ; Fragoso, K. S.; Araújo, K. B. & Souto, P. R. (1999). "A arte de ensinar: representações sociais dos licenciandos de educação artística do campus I da UFPB acerca das disciplinas pedagógicas". *Resumos de comunicações científicas. XXIX Reunião Anual*. Ribeirão Preto, SP: Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), p. 167.
- Santos, M. F. S. (Org.) (2000). Representações sociais: questões metodológicas. In: Guzzo, R. S. L. (Org.), *Anais do VIII Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico*. Serra Negra/SP: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP) pp. 114-117.
- Sato. L. (1994). "O conhecimento do trabalhador e a teoria das representações sociais". In: Codo, W. & Sampaio, J.J.C. *Sofrimento psíquico nas organizações: saúde mental e trabalho*. Petrópolis: Vozes, pp. 48-58.
- Silveira, L. M. C. (1997). *Representações sociais do meio ambiente em crianças de um centro urbano*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas.
- Singer, P. (1998) *Globalização e Desemprego: diagnóstico e alternativas*. SP: Contexto.
- Souza. P. R. (1981). *O Que São Empregos e Salários*. SP: Brasiliense.
- Spink, M. J. (1998). "Desvendando teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais". In: Guareschi, P. A. & Jovchelovitch, S. (Org.), *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 4ª. edição, pp. 117-145.
- Tittoni, J. (1994). *Subjetividade e Trabalho*. Porto Alegre: Ortiz

- Wagner, W. (1998). "Descrição, explicação e método na pesquisa de representações sociais". In: Guareschi, P. A. & Jovchelovitch, S. (Org.), *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 4^a. edição, pp. 149-186.
- Wuo, M. (1998). *Prevenção da Aids na escola: representações sociais de professores*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- Ximenes, D.A. (1997). "Representação social: o diálogo da sociologia com a psicologia social." *Revista Brasiliense de pós-graduação em Ciências Sociais*. Ano I, vol. I, pp. 201-212.

ANEXOS

Anexo I - Programa de Orientação Vocacional em Abordagem Qualitativa.....	79
Anexo II - Modelo de ficha de inscrição do programa de orientação vocacional....	81
Anexo III - Depoimento dos participantes da Escola Particular (recorte dos discursos sobre emprego, trabalho e profissão).....	82
Anexo IV - Depoimento dos participantes da Escola Pública (recorte dos discursos sobre emprego, trabalho e profissão).....	85

Anexo I - Programa de Orientação Vocacional em Abordagem Qualitativa

Psicólogo Responsável: *Luiz Roberto Paiva de Faria*

Objetivos Gerais:

- Oferecer aos alunos da escola um espaço de reflexão sobre o rumo de suas futuras carreiras e,
- Colher dados para pesquisa do programa de pós-graduação “strictu sensu” em Psicologia escolar da PUCCamp.

Tempo de realização do trabalho: 6 encontros por grupo

Tamanho dos grupos: de 6 a 10 alunos

Número de grupos: a combinar (de acordo com a demanda da escola)

Frequência dos grupos: a combinar

Procedimentos para a realização do programa

1) Comunicação do programa aos interessados.

A forma e o veículo de comunicação da existência do programa será tratada junto à direção da escola. Os alunos deverão estar cientes do caráter experimental e científico do programa, bem como de que seus pais também deverão estar cientes de sua participação, nos casos em que os alunos são menores de 18 anos.

2) Entrevista individual.

Os alunos interessados deverão passar por uma entrevista de triagem, de duração breve, afim de esclarecer suas dúvidas sobre o programa, sua disponibilidade horária e sua necessidade de participar do programa.

3) Os encontros.

Os encontros se darão em local tratado com a escola, nos dias e horários por ela disponibilizados, e de acordo com a demanda que surgir. Os alunos que forem menores de 18 anos, deverão ter autorização dos pais, ou, caso a escola já tenha o seu endosso antes do programa, a autorização da escola.

3.1.) Descrição dos encontros:

1º encontro: Conhecer o grupo.

Objetivos:

Apresentar os membros dos grupos
Esclarecer para o grupo o que é a orientação, bem como o caráter científico da programa.

Formar vínculo entre o grupo

Identificar sumariamente algumas escolhas

2º Encontro: Conhecendo as escolhas

Objetivos:

- Conhecer as estruturas das escolhas, examinando o modo como escolhem as coisas para si.

3º Encontro: Conhecendo os desejos.

Objetivos:

- Confrontar os desejos que estão por trás das escolhas através dos conflitos que impedem a livre escolha

4º Encontro: Trocando desejos.

Objetivos:

- Vivenciar papéis sociais diferentes e ampliar as possibilidades de escolha.

5º Encontro. Enfrentando as dificuldades.

Objetivos:

- Refletir sobre a ampla fonte de dificuldades que impedem as escolhas, afim de torná-las mais claras para uma decisão.

6º Encontro. Fazendo escolhas.

Objetivos:

- Refletir sobre todo o processo, fechando com uma conclusão sobre o tema, e orientando sobre os perfis das várias carreiras, sobretudo aquelas que existem na PUCCamp e que seriam objeto de interesse dos alunos.

Luiz Roberto Paiva de Faria

Anexo II - Modelo de ficha de inscrição do programa de orientação vocacional

Ficha de Inscrição

Nome: _____ Turma: _____

Idade: _____ Telefone p/ contato: _____

Grade de compatibilidade horária (marcar um "X" sobre os horários livres)

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
10:00 – 11:00						
11:00 – 12:00						
12:00 – 13:00						
13:00 – 14:00						
14:00 – 15:00						
15:00 – 16:00						
16:00 – 17:00						
17:00 – 18:00						
18:00 – 19:00						

Toparia realizar o trabalho em julho? Sim Não

Anexo III - Depoimento dos participantes da Escola Particular (recorte dos discursos sobre emprego, trabalho e profissão).

Ca: no inicio da adolescência, foi assim, relacionado à profissão, foi quando eu comecei a pensar mais sério, sabe, comecei... as matérias na escola começaram a não ser aquelas básicas começou a ter, na quinta, dividiu história e geografia, e depois mais tarde química, física, foi quando comecei a pensar mais sério sobre profissão. Primeiro eu quis ser professora de história, eu me apaixonei por história, e depois na sexta por biologia, e agora as dúvidas sobre se eu quero isto realmente apareceram logo só agora que as matérias estão mudando tudo de novo, estão mais aprofundadas...

Ca: Aí quando eu apresentei sendo a advogada, acho que é uma coisa legal porque eu sempre falei demais sabe... sempre tive muito critério assim pra fazer as coisas, então acho que eu posso me dar bem no direito, acho que vai ser uma coisa legal também... E artes cênicas, minha mãe sempre falou que eu tinha jeito...

Ka: ah!... eu gostei... de ser relações públicas, assim, de discutir, de fechar contrato... eu acho que me daria bem assim, apesar de eu ser meio assim, de na argumentação não ser muito boa, mas eu gostaria de fazer relações públicas, de ser relações internacionais....

Ca: Ah!... eu estou pensando bastante em fazer medicina mesmo... que é uma coisa que eu gosto, de mexer com o corpo humano, essas coisas...

J: (quero ser publicitária...) pra vender um produto, pra conseguir persuadir as pessoas pra comprar..

G: Primeiramente eu achei que eu... o que mais me chamou a atenção foi o nome, né... publicidade... mas acho que é uma coisa assim, gostosa, porque na verdade é um trabalho mais em grupo, né, que você faz..

T: Eu penso que se eu escolher a profissão certa, eu vou provavelmente vou dar o melhor de mim, que vou estar dentro do padrão de qualquer empresa, qualquer serviço, uma pessoa competente, e o melhor possível, e é isso... eu não penso muito em mercado, essas coisas... Por exemplo, se eu pensar em advogado tem dois mil só na cidade de São Paulo, mas se eu for um advogado bom, nada me impede que eu seja bem sucedido...

Ca: Eu acho que você tem que ir muito além. Não é só assim, querer trabalhar nessa área, você tem que mudar sua vida, você quer mudar a sua vida pra se adaptar com outro tipo de pessoa com outros tipos de lugares.

Ca: Por exemplo se a sua profissão é médico, daí o seu emprego é ser cirurgião e daí o trabalho é fazer operação na pessoa..

Ca: Eu acho que a profissão, que é a sua carreira, você vai seguir, você vai desenvolver o emprego...e trabalho pode ser qualquer coisa que você vai desenvolver fora da sua carreira, fora dos planos de ser médico é tudo o que você faz um outro tipo de trabalho, ou até anteriormente, estágios, alguma coisa assim...

Ca: É uma área que eu acho super importante, mas eu posso até levar um jeito pra isso, que eu acho que eu tenho umas idéias boas, assim. Mas não é a área que eu quero seguir

R: A gente tem que começar lá de baixo.. a gente tem que fazer mas tem que começar de baixo, não vai estar no top de linha

G: O emprego está dentro da profissão e o trabalho está dentro do emprego...

T: é... é... ficar dependendo dos outros, ficar, sei lá... se os outros não estão felizes você não está feliz... por exemplo, se o país entra em crise... e eu não vou ter emprego, entendeu?...

Ro: Eu não sei... é difícil você achar um emprego num lugar que você realmente queira, que faça você não ter de mudar tanto a sua vida. Que a maioria dos empregos que eu vi aqui é longe, em outra cidade...

T: Acho que se você for um profissional qualificado, você consegue arrumar emprego.

Ca: ... o que me impede é que me falaram que a vida do médico é muito cansativa, não para, não sossega, e eu tenho medo de me prender muito.

Fora que tem que ser responsável pela vida de um monte de gente, não sei se dá conta sempre

T: ...eu acho que trabalho é o desempenho que você tem no seu emprego...e emprego você escolhe.

R: É... se você aceitar o trabalho estão colocando aqui, tem que começar meio assim...

Anexo IV - Depoimento dos participantes da Escola Pública (recorte dos discursos sobre emprego, trabalho e profissão).

G: eu quero ter uma profissão.... quero me sair bem assim, ser uma profissional competente.

D: A minha expectativa para o futuro é também ter uma profissão. Gostar dela, do que eu faço, dela, ganhar dinheiro, ajudar a minha família, retribuir o que eles fazem por mim... e a gente busca felicidade.

S: A minha expectativa para o futuro é conseguir arrumar um emprego, que hoje está muito difícil, me dar bem neste emprego, fazer o que eu gosto, né... eu tenho expectativa pro futuro, não só pra mim, pra todas as pessoas, eu gostaria que, assim... eu sei que o mundo não vai melhorar, mas eu gostaria que cada um fizesse um pouco de melhor, pelo menos no ambiente que a gente vive.

P:... arrumar um emprego, fazer uma coisa que eu goste bastante também, não precisa ganhar tanto dinheiro, eu acho que vale a pena passar a vida toda fazendo o que a gente gosta do que ganhar tanto dinheiro...

T: Minha expectativa é arrumar alguma coisa que eu goste, nos estudos e no trabalho.

A:... como mulher eu estou muito realizada, né?... agora, como profissional, que eu tendo que desenvolver um trabalho que eu goste nesta área que eu falei, eu gosto muito de área social, né... por que eu acho assim, que se a gente tem amor pelas pessoas, se a gente se ama, a gente busca felicidade... a gente fala: eu quero ser feliz! Mas se a gente for atrás de ser feliz fica muito mais fácil, do que a gente esperar sentando esperando ser feliz...

G: Minha expectativa para o futuro é chegar o meu objetivo, fazer uma faculdade, e sempre aperfeiçoando o meu estudo, arrumar um emprego na área que eu pretendo, né?... na área de saúde.

A: Há dez anos atrás, eu era divulgadora de uma grande multinacional. Eu ganhava bem mas não estava feliz, estava sozinha... hoje eu trabalho como cozinheira de um buffet e sou feliz, não pelo trabalho mas comigo mesma. No futuro, serei, talvez uma advogada, ou juiz, e lutarei pelo que eu acho justo e julgue importante.

S: meu sonho de criança era ser secretária, professora, modelo, ficava brincando disso... hoje eu tenho vontade de me formar em publicidade e marketing... (no futuro, em relação a profissão eu pretendo estar trabalhando na área de publicidade, pretendo me empenhar na profissão que eu quero, e dar o melhor de mim pra eu poder ter um cargo melhor...

T: Eu queria ser um monte de coisa: professora, secretária, modelo... hoje de propaganda e publicidade ou alguma coisa relacionada a informática. (no futuro) pretendo ganhar uma profissão que eu goste e ganhar um bom salário.

G: Com relação a profissão, eu queria ser professora ou médica... Hoje eu quero fazer um curso técnico de enfermagem e depois uma faculdade

D: A minha profissão (quando eu era criança) era professora, e hoje

S: Emprego e trabalho não é a mesma coisa?

S: Emprego é o que você procura, trabalho é o que você tem ou vai ter, e profissão é uma coisa que você escolhe para exercer o resto da sua vida...

S: trabalho é o que você trabalha pra evoluir, pra poder ganhar dinheiro pra fazer aquilo que você gosta...

D; nem todo trabalho é o que você gosta, e nem toda profissão é a que você queria.

S: Eu ano que vem vou tentar uma faculdade, mas por exemplo, se eu não consiga entrar numa faculdade, então eu procuro um emprego pra depois estudar pra ter uma profissão.

D: Igual muita gente que tem uma profissão, vamos supor... engenheiro, mas não consegue trabalho e exerce outro emprego....

A: Eu acho que se eu escolher direito, não me destacar assim, pra ter status mas acho que você tem que fazer o melhor pra se destacar entre as pessoas, pelo menos no ambiente em que você vive, no ciclo que você vai ter dentro de uma faculdade, mesmo na situação de trabalho... acho que você tem que fazer o máximo pra se destacar. Acho que todo profissional tem que ser assim na sua profissão, tem que fazer o melhor de si pra pessoas mesmo te notarem...

S: Tem que fazer um trabalho pra procurar um emprego naquela profissão...

V: *É que nem por exemplo, quando uma pessoa está em nível universitário, tem que arrumar um emprego pra manter despesas de alimentação, tipo que sai de uma cidade e vai estudar em outra, moradia, vale-transporte... Aquilo não é a profissão dela, mas você está fazendo aquilo até chegar ao ponto de formação, chegar ao ideal da profissão.*

V: *Empregada doméstica não é a minha profissão; é meu emprego, até breve!!!*

P: *ah!... eu já pensei em tanta coisa... eu procuro alguma coisa que eu gosto mas eu ainda não sei o que eu gosto de verdade pra seguir a vida inteira...*

G: *Estou pensando em fazer enfermagem... porque eu acho que, eu sempre gostei de cuidar das pessoas... e eu acho que isso... eu posso me dar bem...*

A: *quero fazer o curso de direito, quero fazer magistratura, quero ser juíza... Porque, assim, eu acho legal, e eu acho que tem muito juiz, mas muito juiz mesmo que agora, atualmente, faz muita cagada... E eu acho que tem muita coisa errada, que eles vão ou passando como um nada, ou eles encobrem as coisas, e eu sou uma pessoa, se é errado é errado, não importa...*